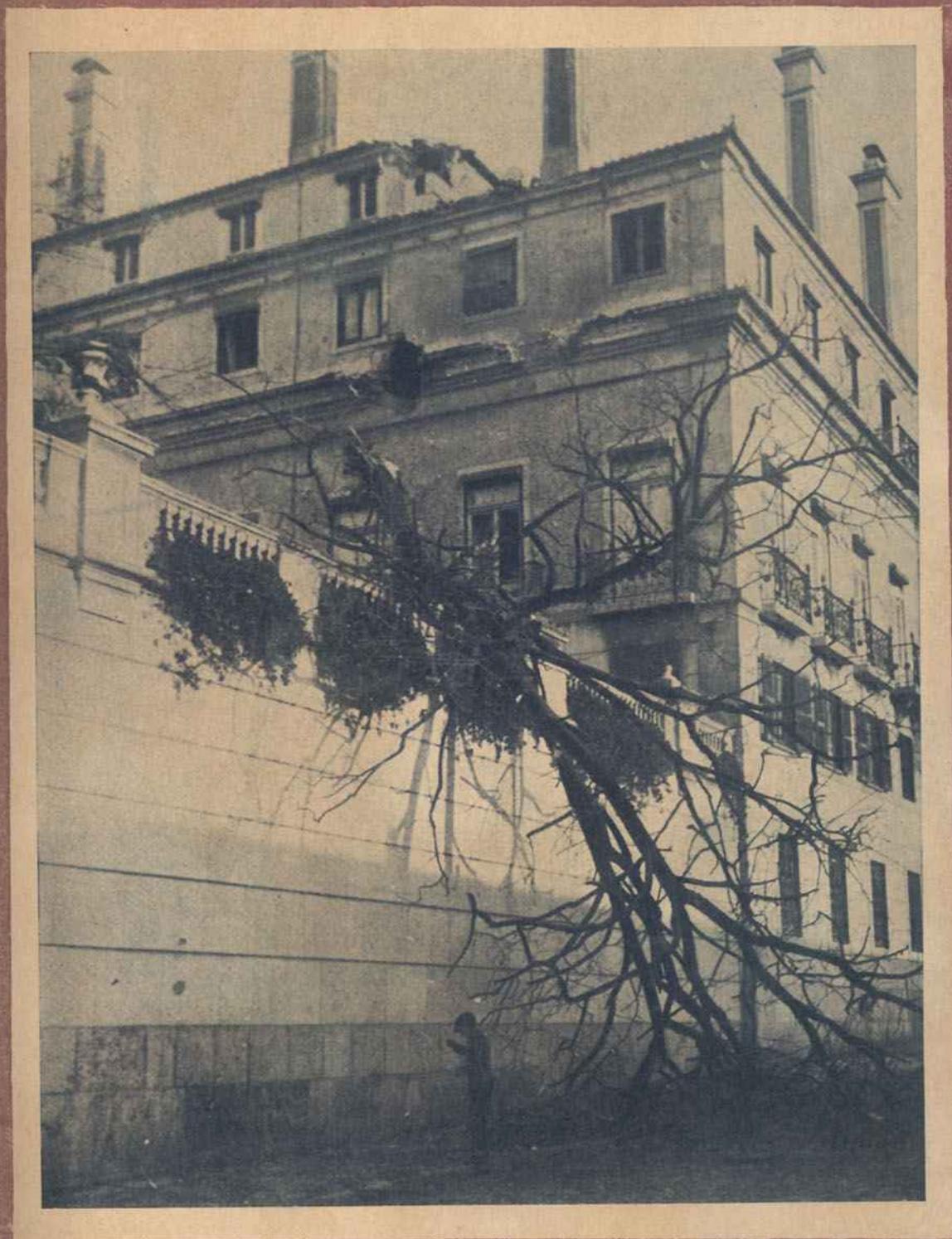


# ILUSTRAÇÃO



2.º ANO  
NUMERO 28

Lisboa 16 de Fevereiro de 1927  
A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PREÇO  
4\$00

# VERAMON



KIRCHBACH



**Se sofre de dôres  
é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON-SCHERING desaparecerão rapidamente suas dôres da cabeça, dos dentes assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 e 20 compr. de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39



**20 Cigarros por 6\$50**

**DE RESZKE**  
*Virginias*

Apesar de não custarem mais do que qualquer outro cigarro bom, V. Ex.<sup>a</sup> terá orgulho em fumar e oferecer a vossos amigos estes DE RESZKE VIRGINIA.

Terá orgulho porque o fabricante se orgulha do seu fabrico. A folha do Tabaco Virginia, de bela qualidade, o papel fino, a ponta de Marfim — tudo tão cuidadosamente embalado em caixinhas engraçadas.

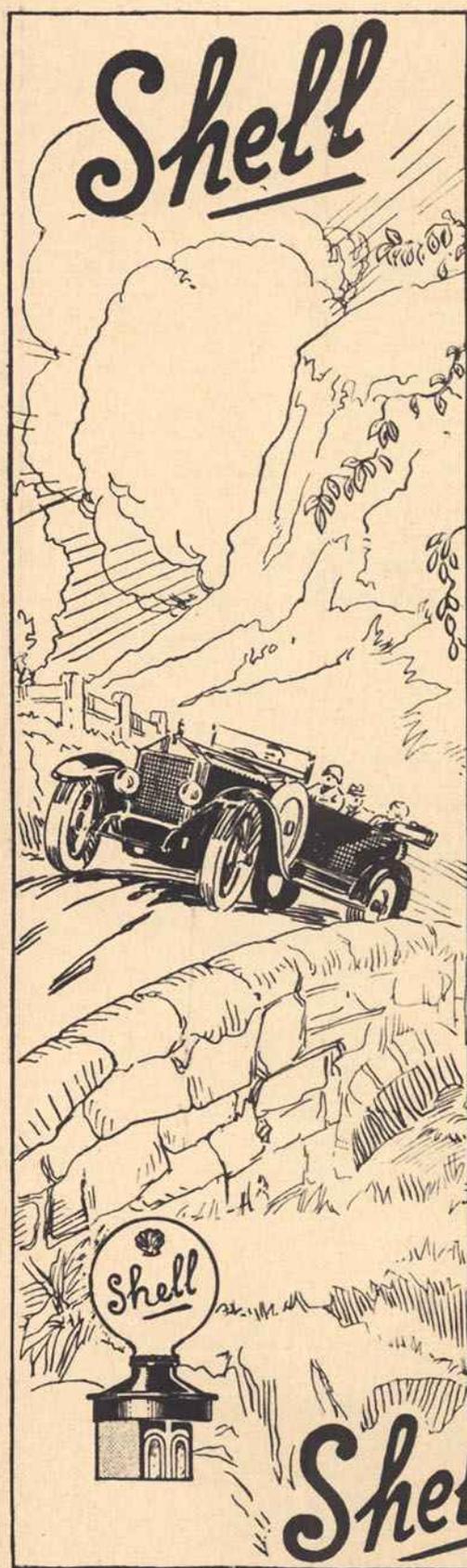
Orgulhamo-nos também do nome DE RESZKE, cujo nome é a garantia que estes cigarros conservarão sempre a sua alta qualidade.

Vá hoje mesmo comprar em qualquer tabacaria uma caixinha DE RESZKE VIRGINIA — Esc. 6=50 por 20 ou Esc. 15=00 por 50.

Outros cigarros DE RESZKE são DE RESZKE «TURK» a Esc. 6=50 por 20 cigarros. DE RESZKE «TENOR» 25 cigarros por Esc. 18=00, 50 por Esc. 35=00 e 100 por Esc. 68=00.

H. MITCHELL L.<sup>DA</sup>  
 LISBOA

M.<sup>E</sup> CRORIE & PEIXOTO  
 PORTO



# Uma só qualidade a Melhor

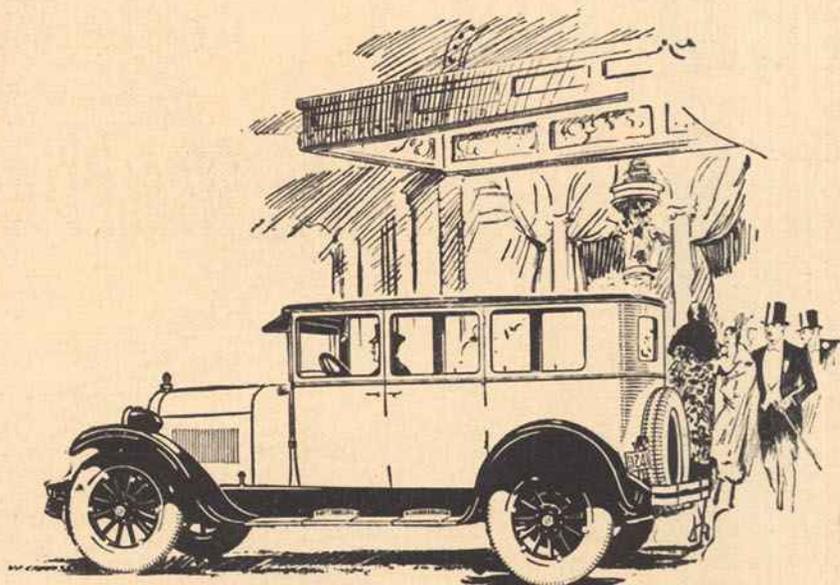
A uniformidade da Gazolina da **SHELL** evita o terdes de constantemente regular o carburador do vosso carro.

Automobilistas segui o exemplo dos peritos e exige sempre **SHELL**.

GAZOLINA  
— E —  
OLEOS ...

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º

RUA DO CRUCIFIXO, 49 — LISBOA



## O Cumulo da Perfeição— *Luxo e Utilidade*

O sedan de Luxo Dodge Brothers representa, tanto sob o ponto de vista de aparência como de preço, o equilíbrio completo do luxo e utilidade.

É excepcionalmente espaçoso e cómodo, distinguindo-se pelas linhas airosas do seu contorno e soberbo traçado de construção, que fazem o orgulho do seu possuidor, e a sua marcha é símbolo em todo o mundo do que há de melhor em mão de obra.

O sedan De Luxo prestará com cuidado razoável serviço perfeitamente satisfatório por muitos anos. O percurso total de que é capaz excede frequentemente uma centena de milhares de milhas ou cento e sessenta mil quilómetros.

O elevado preço de revenda de que é susceptível, reflecte, brilhantemente, o mérito e o valor inerentes d'este esplêndido automóvel Dodge Brothers.

BERNARDINO CORRÊA, LTD.

LISBOA

1, Avenida da Liberdade

PORTO

21, Avenida dos Aliados

# AUTOMOVEIS DODGE BROTHERS

# A AGUA DE CAMBRES

A calma,  
g gentil,  
U uma alma,  
a almas mil,  
S im, descança!

d a saúde  
e virtude!

C omo alcança:

a lacridade,

m ocidade,

b eleza,

r ijeza

e speranza?...

S ó com a radioactividade.

336,1  
- 8  
44,10

Medidas radioactivas por 10 litros (anualmente registadas pelo professor Lepierre):

Emissão em millicurie  
SAES DE RADIO, dissolvido.  
Grama de radio elemento

## Aguas de Cambres — Radio dissolvido

Portelo de Cambres — Douro — Casa da Corredoura  
(ARREDORES DE LAMEGO)

Perfeito de Magalhães

Estação do Caminho de Ferro — REGOA

DEPÓSITO EM LISBOA:

DEPÓSITO NO PORTO:

DAVITA LIMITADA

J. Pinheiro da Silva & C.ª

R. Eugenio dos Santos, 81, 1.º

R. das Flores, 124

Depósitos por todo o País. Aceitam-se para o Ultramar e Estrangeiro



## A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradável e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablação e durante o periodo da crecscião.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C.ª), 6, Rue de la Tacherie, PARIS



PETROLEO

M. d. F.

# HAHN



PARA O CABELO

Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

FRASCO GRANDE 24,500 FRASCO PEQUENO 17,500  
VENDA POR GROSSO

Agentes depositarios: J. DELIGANT, L.ª

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

## O 2.º numero do Magazine Bertrand

Encontra-se Já á venda em todas as livrarias, tabacarias e em casa de todos os agentes e correspondentes das

LIVRARIAS  
AILLAUD E BERTRAND

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES  
Sociedade Anonima. — Estatutos de 30 de Novembro de 1861

### SERVIÇO DE SAÚDE

## CONCURSO PARA AJUDANTE DE FARMACIA

Perante o Serviço de Saúde desta Companhia, está aberto, por 30 dias, a contar da data deste annuncio, o concurso documental do lugar de ajudante de farmacia com o vencimento fixo de Esc. 180\$00 mensais e subvencão temporaria de Esc. 450\$00 mensais, e as retribuições inerentes á sua categoria como funcionario da Companhia.

Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos da sua idoneidade profissional e moral e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações litterarias ou scientificas e dos logares que tenham desempenhado, certidão de idade que prove ter mais de 21 annos e menos de 40; certidão de registo criminal e documento comprovativo de terem satisffeito as leis do recrutamento militar.

A nomeação sera tornada definitiva, lindos seis meses de serviço effectivo, com boas informaciones.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejem obter serão prestados na sede do Serviço de Saúde, em Santa Apolonia, todos os dias úteis, das 9 as 17 horas.

Lisboa, 28 de Junho de 1927. — Pelo Director Geral da Companhia, o Engenheiro Sub-Director, Lima Henriques.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA  
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24—Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

AILLAUD, L.<sup>DA</sup>

R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR:

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR TÉCNICO:

FELICIANO SANTOS

ANO 2.º — NÚMERO 28

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

16 DE FEVEREIRO DE 1927



A REVOLUÇÃO EM LISBOA — Aspecto do prédio da esquina, das ruas S. Filipe Nery e Alexandre Herculano, que durante tres dias foi batido por artilharia e metralhadoras

NA CAPA — Um aspecto dos jardins e do palácio Palmela, na Rua da Escola Politécnica, atingidos por numerosas granadas

## DIAS DE ANGÚSTIA

De 3 a 9 deste Fevereiro, tão luminoso e doce, que vai correndo, Portugal viveu as piores, as mais sobressaltadas e angustiadas horas dos últimos agitados anos da sua vida de nacionalidade várias vezes secular.

Nas duas principais cidades, Lisboa e Porto, combateram rijamente, durante uma longa semana, portugueses contra portugueses. Noutros pontos, como Figueira da Foz, Amarante, Tavira e Faro, por momentos a luta sacudiu a quietação da vida local e bem se pode dizer que não houve em todo o país aldeia onde a sorte dum filho, dum marido ou dum irmão não fizesse vibrar de angústia um coração português.

Em 3 do corrente, soube-se em Lisboa—primeiro pelo circular de boatos vagos, depois pela confirmação dos jornais—que no Porto eclodira um movimento revolucionário. Incerteza, expectativa, informes imprecisos.

Em Gaia concentram-se tropas governamentais, apoiadas pela artilharia da Serra do Pilar. As forças revoltosas recebem o reforço da artilharia de Amarante e entre a guarnição revoltosa, ocupando a praça da Batalha, o Seminário e outros pontos estratégicos e as tropas fiéis, que dominavam as eminências que rodeiam a cidade, estabelece-se um duelo em que o Porto sofreu danos graves em vidas e haveres.

Durante quasi seis dias, a população do Porto viveu sob as rajadas das metralhadoras dos dois campos em luta e sob o trágico docel da metralha das mil e quinhentas granadas que a artilharia fiel despejou sobre os redutos revolucionários. Ao pavor da morte, assim largamente espalhada, vem juntar-se o receio da fome, que já se manifesta como uma possibilidade muito próxima. Depois duma

proposta de rendição, por parte dos revoltosos, a luta prossegue mais encarniçada, até que, estrangulada a cidade por um apêrto maior do cerco, vem a desistência, a rendição dos revoltosos, na madrugada de 8, pôr termo à tremenda angústia da população portuense. Ruínas, lágrimas, luto. Respira-se, volta-se à vida e a multidão que enche as ruas, pasmando ante os destroços, caminha inadvertida sobre o sangue de irmãos, de que as pedras se revestiram e que a terra não bebeu.

Entretanto, já nas ruas de Lisboa se lutava também, desde as 10 horas da manhã de segunda feira, 7. Forças de marinha, guarda republicana, policia e civis armados, espalham-se pela cidade, tentam cercar e desalojar as forças fiéis ao governo, que se encontram na Rotunda e trazer para a revolução as que se encontravam nos quartéis. É nas proximidades do alto da Avenida da Liberdade que mais densas são as forças revolucionárias, desde a Praça do Brasil a rua do Mundo. A artilharia fiel e as metralhadoras que estão com o governo batem as posições dos revoltosos. Mais uma vez Lisboa, a cidade mártir das revoluções, sente sobre os telhados o asso-

biar sinistro das granadas. Ao fim desse primeiro dia de luta já há mortes e escombros, já os hospitais se enchem de feridos. Durante mais dois dias ainda, a luta prossegue, violenta, cerrada, sem que a população, fechada nas casas, seja possível vislumbrar a esperança do seu termo. Como no Porto, a artilharia governamental procura poupar os edificios e as vidas da população inerme. Os revoltosos, sem artilharia, contiam nas bombas de que os civis estão municiados. De noite, a artilharia cala o som rouco da sua ameaça, mas continuamente as metralhadoras de ambos os campos sobressaltam o sono inquieto da população. Vive-se em permanente angústia, dentro das casas onde a revolução nos mantém encerrados. Em cada momento pode chegar a granada sibilante e arrazadora ou a bala perdida, que parece dotada duma maldade inteligente, correndo as casas em busca dum coração onde alojar-se.

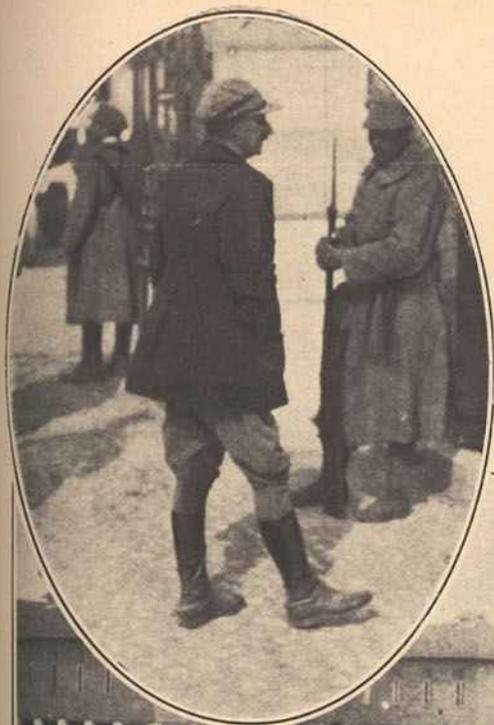
Finalmente, depois dum tiroteio violento, na tarde de quarta feira, faz-se um silêncio largo e quasi lúgubre. A nossa anciedade mais se sobressalta ainda. Que novo e duro embate se prepara? Mas, não. Foi a rendição pura e simples dos revoltosos. Uma calma pesada, como um sono de cansaço, cai sobre a cidade, onde apenas, de espaço a espaço, uma metralhadora desconfiada rega a treva das ruas com o seu jacto de morte.

Ao alvorecer do dia seguinte, a cidade vem respirar para as ruas. Quantas ruínas, quanto sangue derramado! E nos olhos que contemplam as trincheiras desfeitas e as paredes crivadas, através da tristeza que lhes vela a alegria da libertação do pesadelo horrível, lê-se claramente um desejo de paz, daquela paz de que todo o Portugal anda sedento.

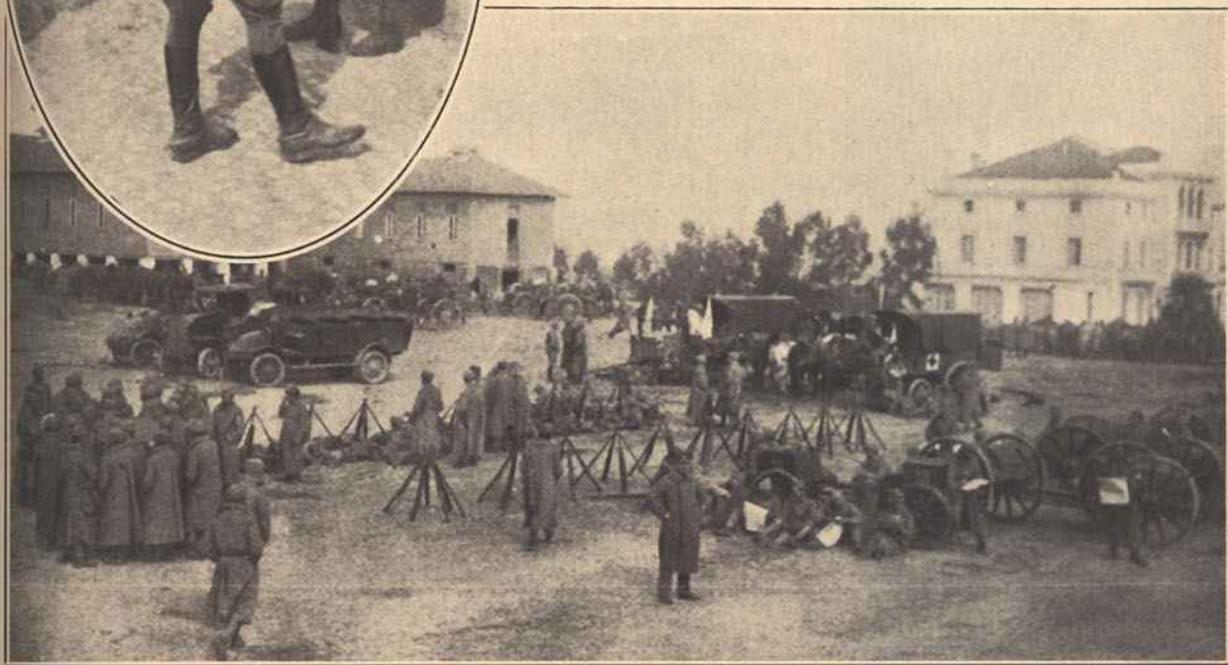
POR MOTIVO DOS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS EM LISBOA, QUE OBRIGARAM À PARALIZAÇÃO COMPLETA AS OFICINAS DE GRAVURA, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, O PRESENTE NÚMERO DA «ILUSTRAÇÃO» É PUBLICADO COM O ATRAZO DE ALGUNS DIAS, ESPERANDO ESTA REVISTA NORMALIZAR A SUA PUBLICAÇÃO JÁ NO PRÓXIMO NÚMERO. PELO MESMO MOTIVO NÃO INSEJIMOS EM «HORS-TEXTE» A HABITUAL TRICROMIA.

ILUSTRAÇÃO

# A REVOLUÇÃO EM LISBOA



Uma das unidades com que o governo contou sempre, para a repressão de qualquer movimento revolucionário, foi o Grupo de Metralhadoras, aquartelado em Campolide, sob o comando do capitão, sr. Jaime Baptista, individualidade em destaque nos meios militares pelas suas qualidades de bravura e de oficial disciplinador. A acção dos oficiais, comandante e praças do grupo de Metralhadoras de Campolide, na repressão do movimento revolucionário de Lisboa, foi das de maior importância. As nossas gravuras representam: *No medallão*: o capitão, sr. Jaime Baptista, a porta do quartel de Campolide, onde está alojada a unidade do seu comando. —  *Ao centro*: Tropas fiéis ao governo acampadas na parada do quartel de metralhadoras de Campolide. —  *Em baixo*: Os primeiros reforços de tropas fiéis ao governo, que desembarcaram em Estre-Campos, dirigindo-se para os locais de combate.

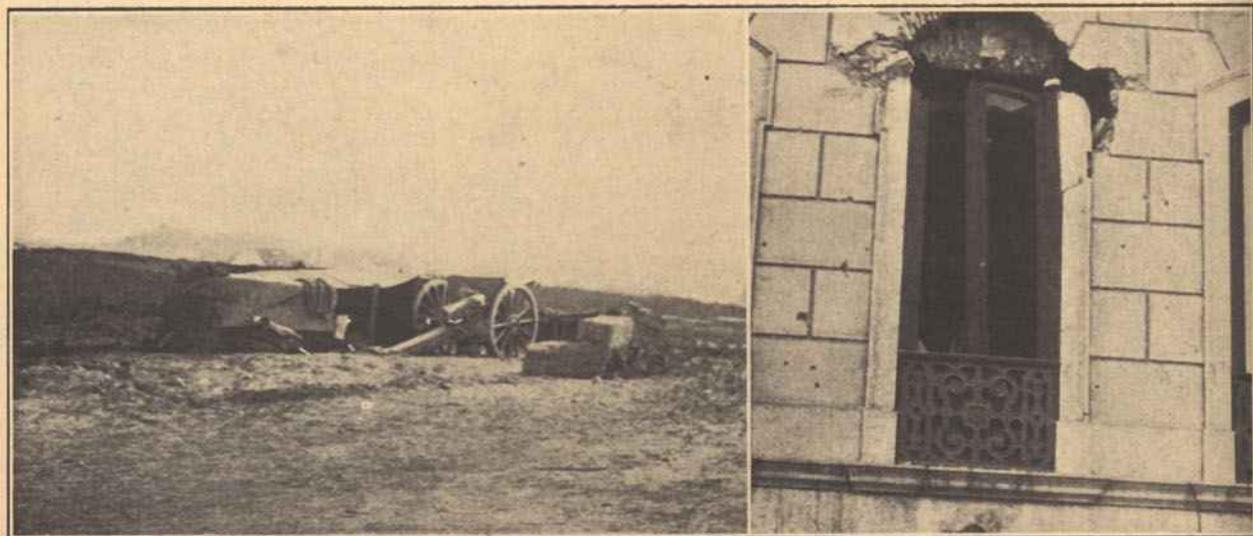


ILUSTRAÇÃO

# A REVOLUÇÃO EM LISBOA



Aspecto do Rotundo, na manhã do dia 7 de Fevereiro, quando do início do movimento revolucionário, num momento de debandada da multidão que, pacificamente, ia atravessando aquela praça, a caminho das suas ocupações.



Na Rotunda, uma das peças de 7,5, da artilharia das tropas governamentais, das que mais intenso fogo fizeram sobre os vários pontos ocupados pelos revoltosos.  
— Efeitos duma granada na janela do palacete da sr.<sup>a</sup> D. Aurora de Macedo, em S. Pedro d'Alcântara.

## A REVOLUÇÃO EM LISBOA

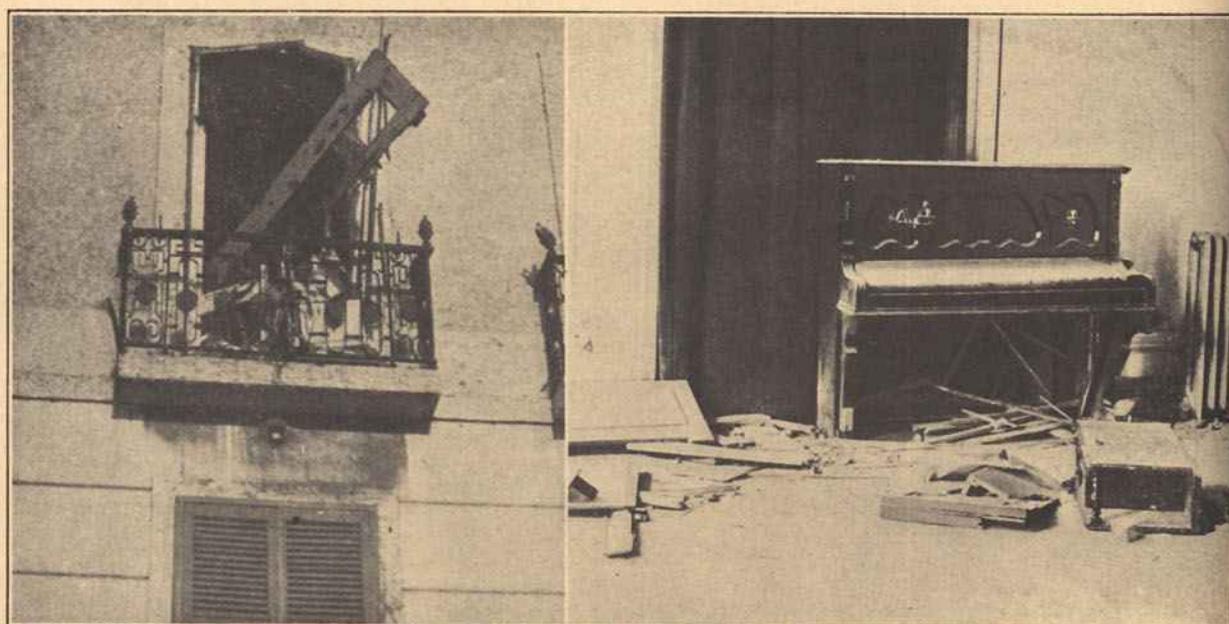


Mirante dos jardins do palácio Palmela, per cima do chafariz da Praça do Brasil, atirado pela artilharia do governo.

Obús ligeiro, que fez fogo sobre as posições dos revoltosos e cujos projecteis, na regulação do tiro, attingiram o palácio Palmela.

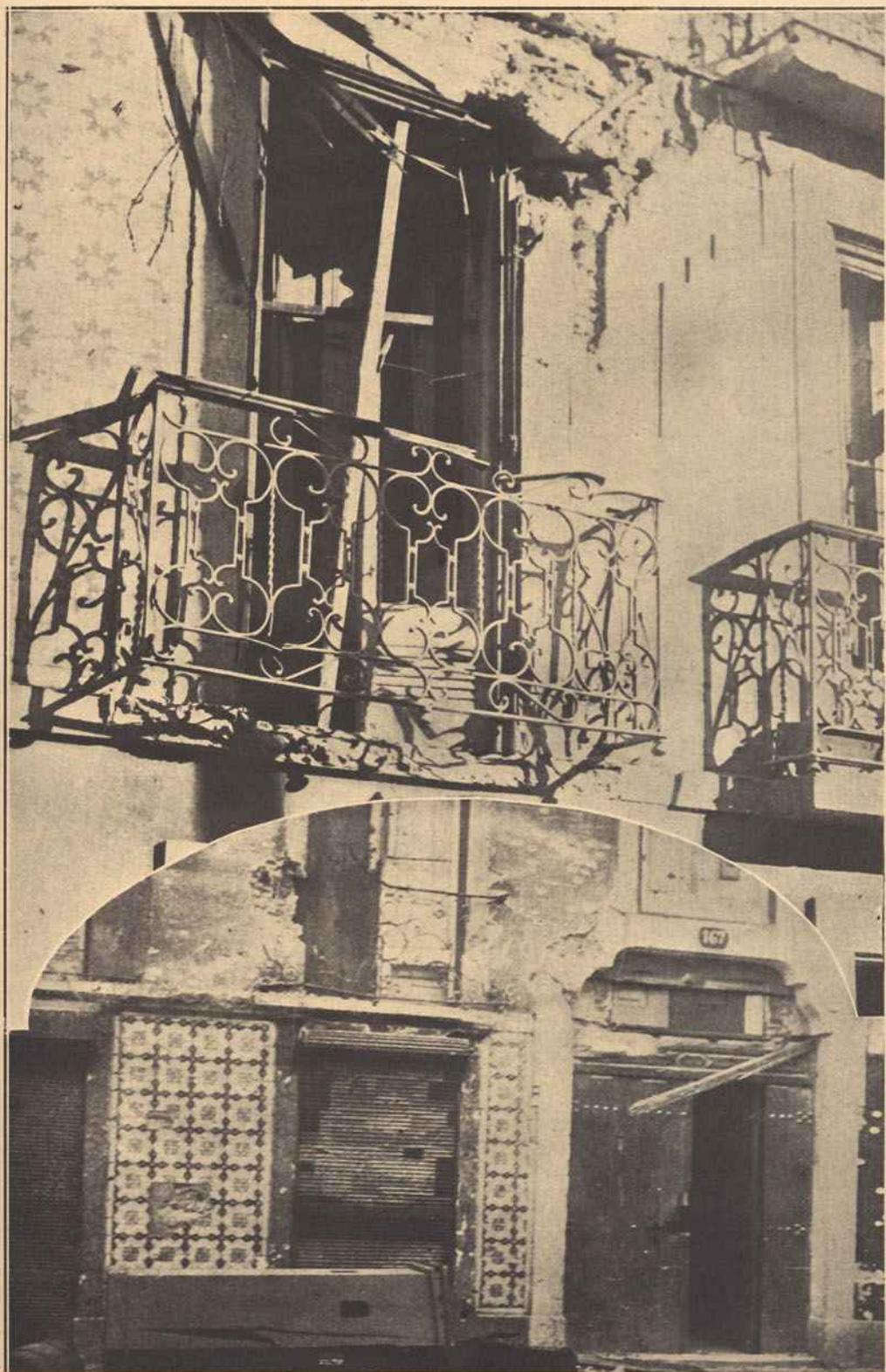


Efeitos das granadas e das metralhadoras no prédio que faz esquina da Rua da Escola Politécnica para a Praça do Brasil

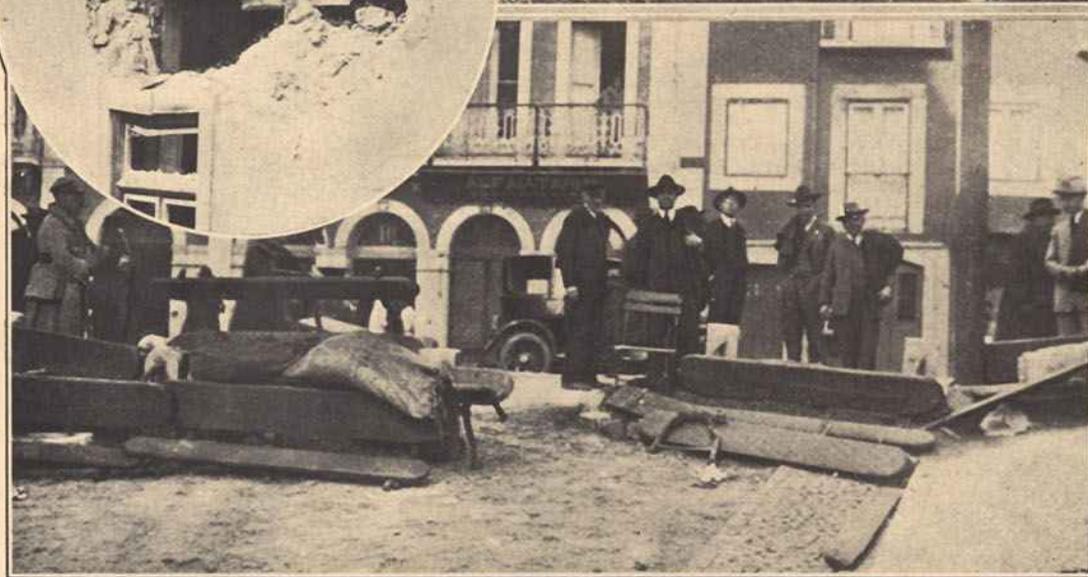
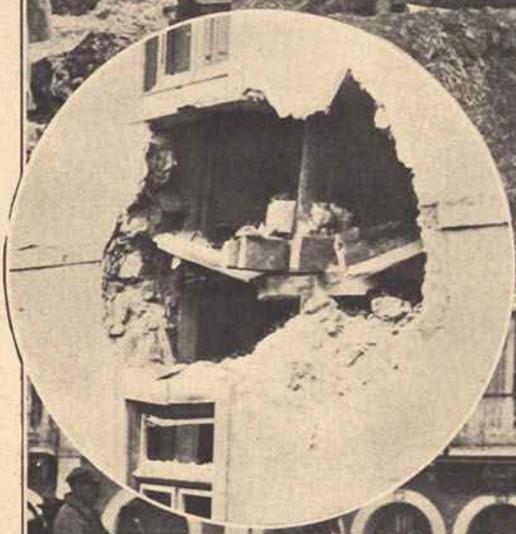
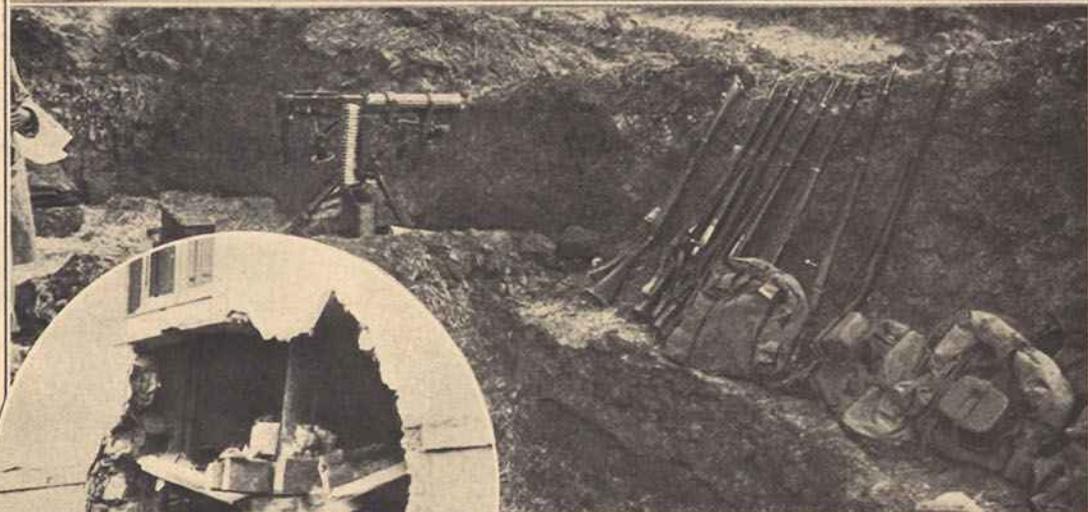


Janela do palácio Palmista, por onde entrou uma granada. — Sala do Hotel Bristol, quartel general dos revoltosos, em S. Pedro de Alcântara, destruída pelas granadas das tropas fiéis

## A REVOLUÇÃO EM LISBOA

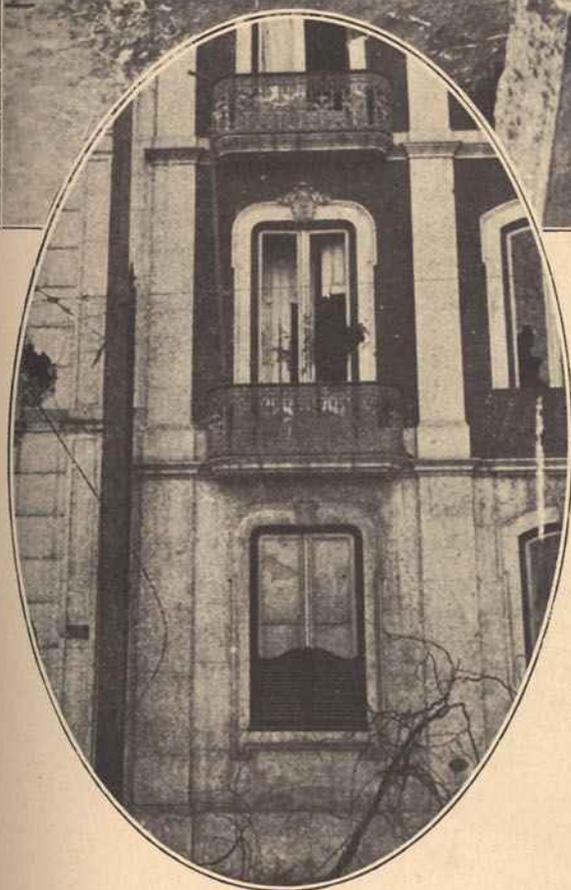
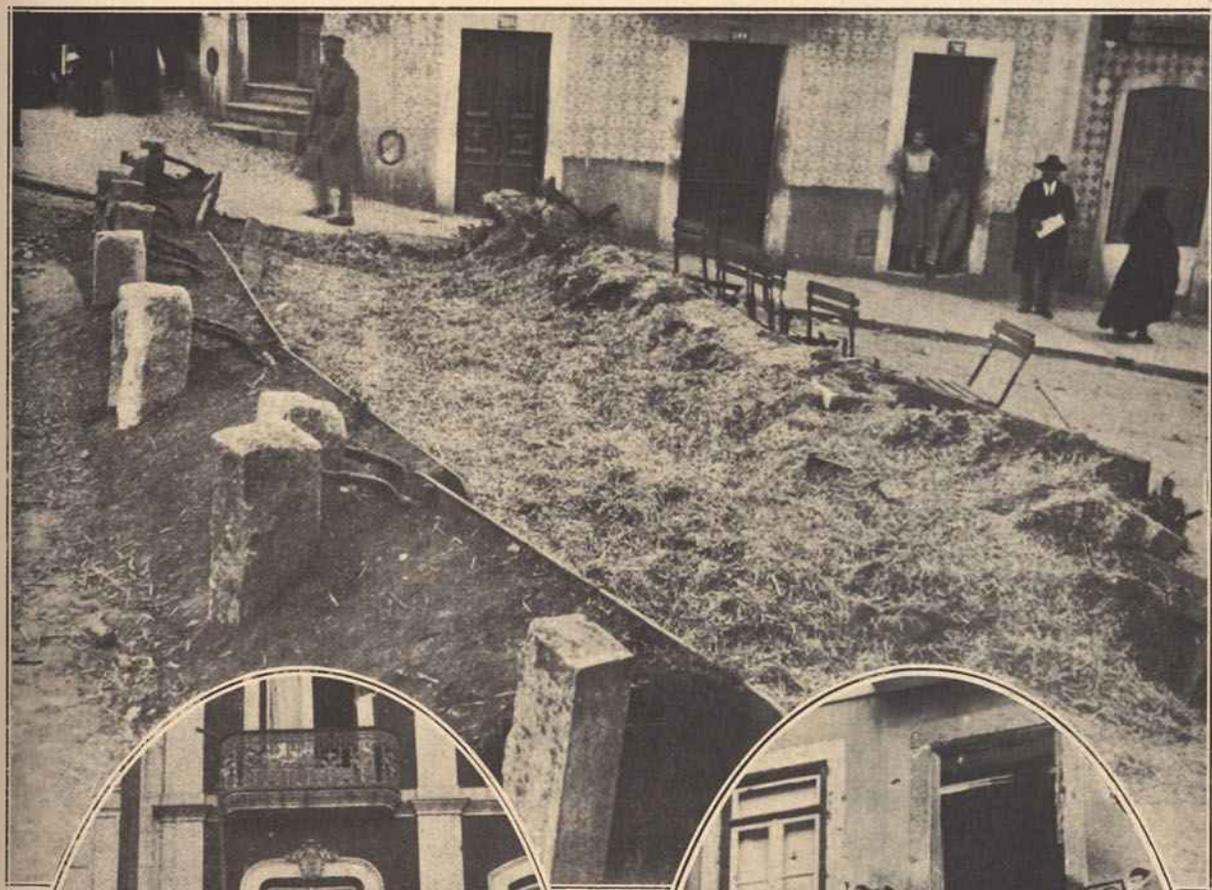


Janela dum prédio da rua do «Mundo» atingida pela artilharia. — Um dos prédios da rua da Escola Politécnica, em frente do largo de S. Mamede que foi dos que mais duramente experimentaram a violência do tiroteio travado naquele local.

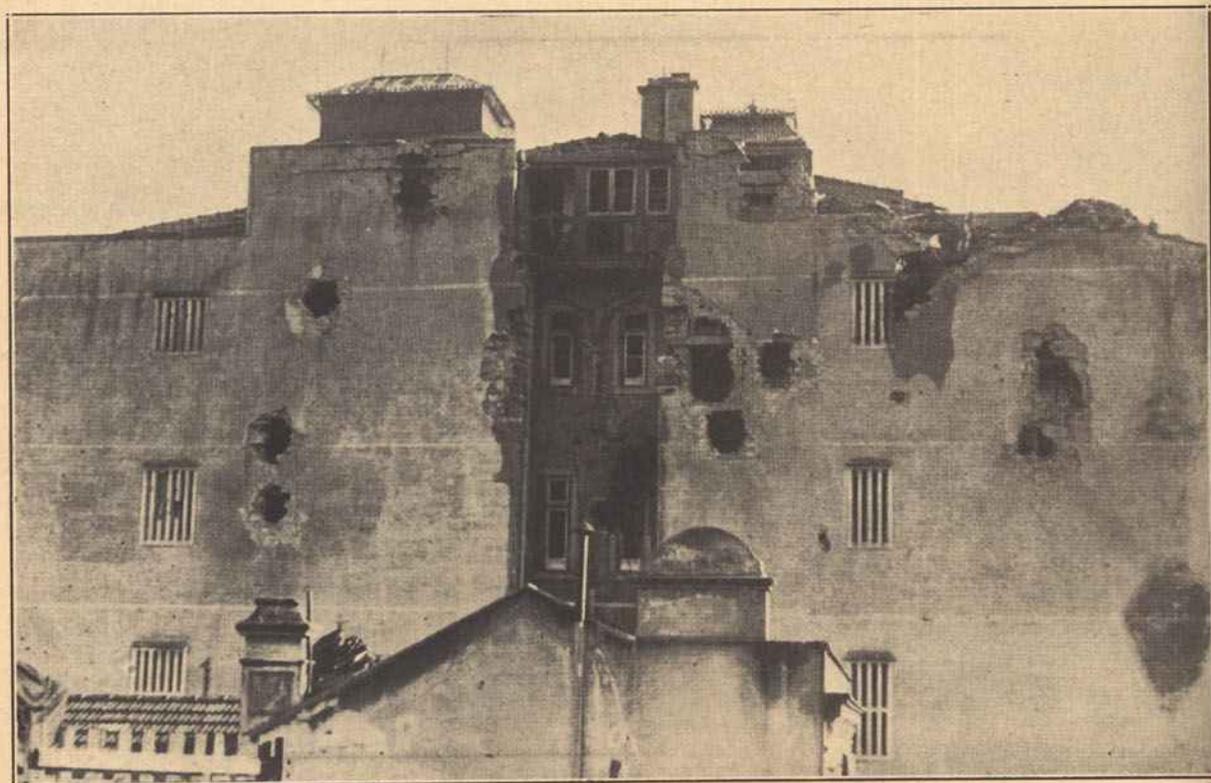


Barricada das forças fiéis na Calçada da Fábrica da Louça, sobre a praça do Brasil. — Metralhadoras, espingardas, equipamentos e munições abandonados pelos revoltosos nas proximidades da Rua S. Filipe Nery. — Barricada dos revoltosos ao alto da Rua Ceclio de Sousa (antiga rua da Procissão), defendendo a Rua da Escola Politécnica. — No medalhão: estragos produzidos por um obús num prédio da Travessa da Queimada

## A REVOLUÇÃO EM LISBOA



Entrincheiramento dos revoltosos, no alto da rua do «Séculos», enfrentando esta rua e a Praça do Rio de Janeiro.—Em baixo: à esquerda, janela do Hotel Bristol, primeiro quartel general dos revoltosos, correspondendo ao quarto em que esteve encerrado o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, ministro dos Estrangeiros, que os revoltosos prenderam; à direita, efeitos duma granada na janela do prédio em que faleceu o célebre bibliógrafo, Inocencio Francisco da Silva, sito na rua de S. Filipe Nery



Em cima : Prédio da Praça do Brasil, batido pelas metralhadoras fiéis durante os três dias de luta. — Em baixo : Parte posterior dum prédio da rua Rodrigo da Fonseca atingido por numerosas granadas

## A REVOLUÇÃO EM LISBOA



Em cima: O 1.º tenente, sr. Agatão Lança, comandando os marinheiros revoltosos. — Em baixo: As praças da marinha, em frente do Palácio do Congresso, a caminho das posições que ocuparam durante a revolta. — No medalhão: Condição dum ferreiro

A REVOLUÇÃO EM LISBOA



Na rua da Escola Politécnica: Uma peça de marinha, única artilharia dos revoltosos



Em S. Pedro d'Alcantara: soldados da Guarda Republicana, nos postos avançados, de defesa do quartel general dos revoltosos, quando instalado no Hotel Bristol

ILUSTRAÇÃO  
A REVOLUÇÃO EM LISBOA



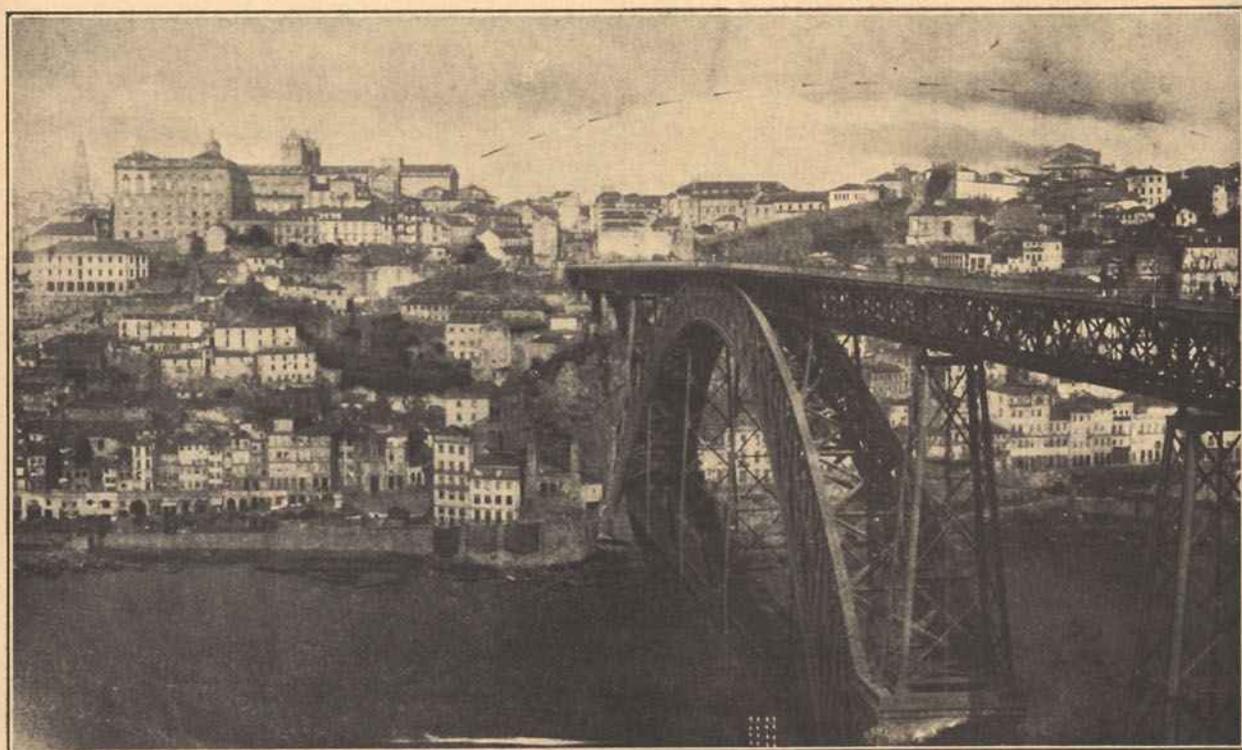
Alguns oficiais e praças do batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro, que tomaram parte na defesa do seu quartel



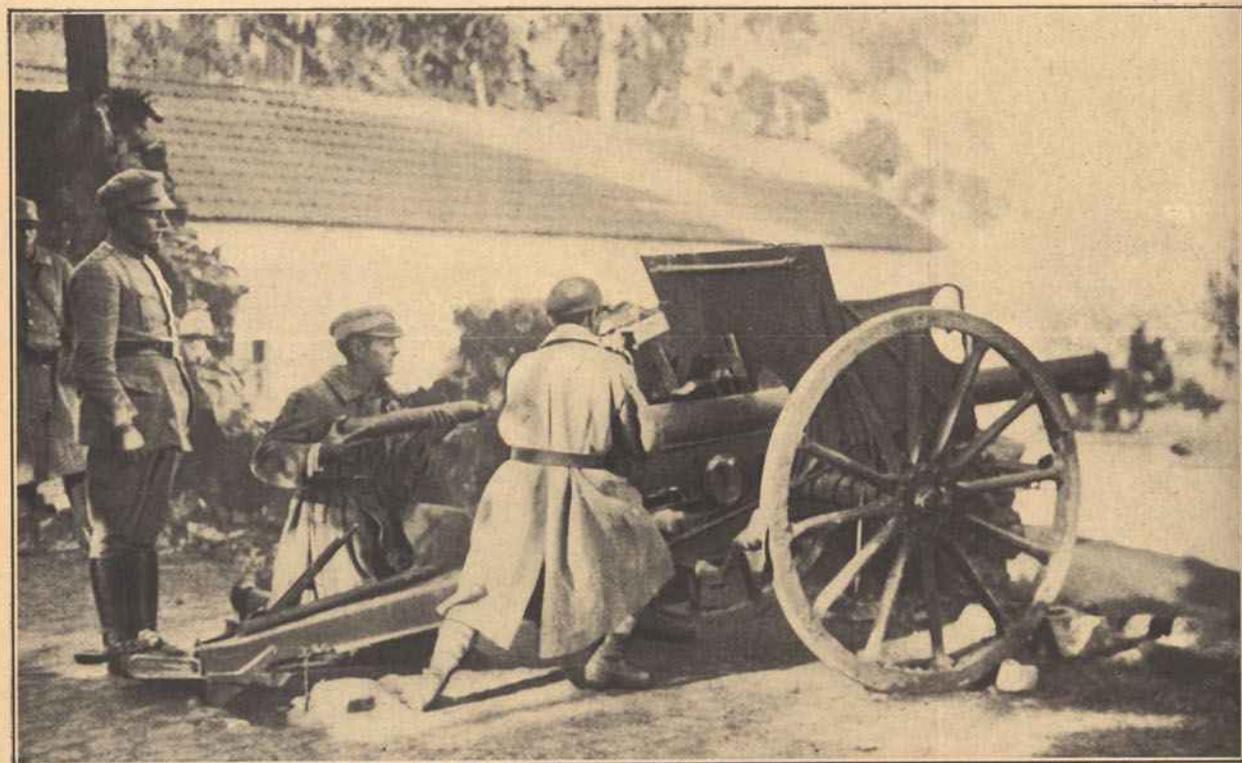
A multidão vendo os estragos produzidos pela revolução na Praça do Brasil e Rua da Escola Politécnica. À esquerda o palácio Palmela  
(Clichés de Lisboa: Serra Ribeiro)

ILUSTRAÇÃO

# A REVOLUÇÃO NO PORTO



Vista parcial do Porto. A linha tracejada indica a zona da cidade que foi mais batida pelo fogo das tropas fiéis

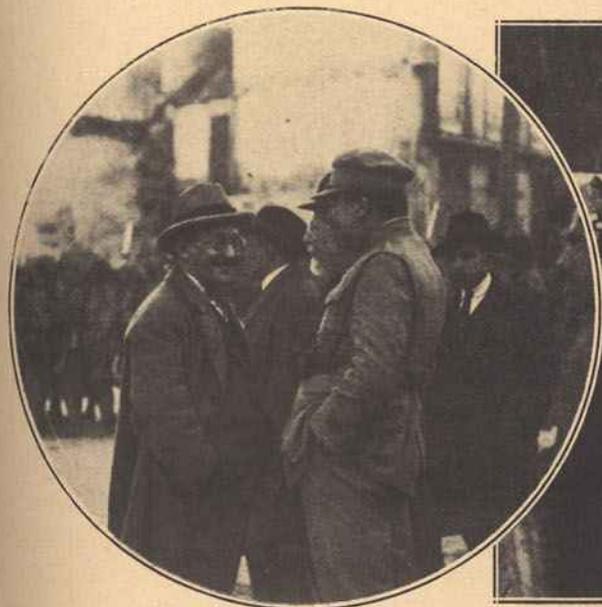


Uma peça de 7,5, da artilharia governamental, no Monte da Virgem, fazendo fogo sobre os redutos dos revoltosos

A REVOLUÇÃO NO PORTO



Aspecto da cozinha da casa do sr. Guilherme Campos Junior, no Corpo de Guarda, que foi atingida por dez granadas, tendo ficado destruídos todos os compartimentos do prédio.

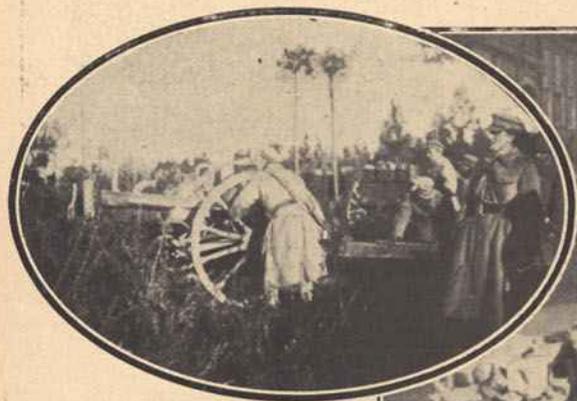


O dr. José Domingues dos Santos, chefe político, conversando com um oficial revoltoso, no primeiro dia da revolução. — Trincheira de sacos de areia, no cruzamento da Praça da Batalha, Rua 31 de Janeiro e Rua de Santa Catarina, que ficou conhecida por «Trincheira da Morte».

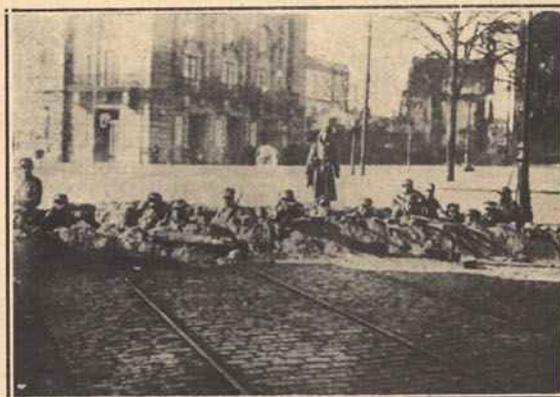
A REVOLUÇÃO NO PORTO



O sr. ministro da Guerra, rodeado por oficiais das forças fiéis, na estação de Aveiro, quando se dirigia para o Porto, a assumir o comando das operações contra os revoltosos



No oval: artilharia das forças governamentais, no Monte da Virgem. — À direita: uma metralhadora dos revoltosos, no sítio da Rua 31 de Janeiro, defendendo a Rua de Santa Catarina



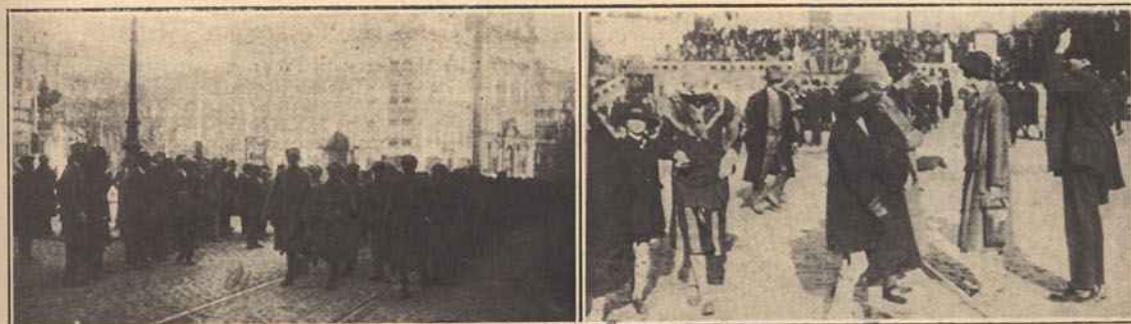
Trincheira das forças revoltosas, em frente do Teatro S. João, onde estava instalado o seu quartel general. — Outra trincheira, na Rua de Santo Ildefonso

# ILUSTRAÇÃO

## A REVOLUÇÃO NO PORTO



Durante um armistício, pedido pelas forças revoltosas, foram recebidos no quartel general das tropas governamentais delegados daquelas forças, que vinham tratar da rendição. Não se tendo chegado a acôrdo, a luta prosseguiu. As nossas gravuras representam: *Em cima*, os delegados dos revoltosos, maior sr. Soverino e o capitão-tenente, sr. dr. Jaime de Morais, de olhos vendados, a caminho do quartel general das forças do governo em Gaia: *Em baixo*, depois da rendição, armas e munições dos revoltosos, guarda-las no hall do Teatro S. João



Revoltosos prisioneiros, a caminho dos quartéis;

Depois da rendição; a população do Porto, vendo os estragos  
(Clichés do Porto: André Moura)

Vêr, na página 24, as condições e prémios do nosso concurso do romance

### O MUNDO PERDIDO

cuja publicação se iniciará no próximo número

# A ELEGÂNCIA NO LAR ALMOFADAS

As almofadas são hoje importante elemento decorativo. Nenhum salão afirmará a precisa nota de conforto moderno, de elegância delicada, vagamente voluptuosa, tal como a moda hodierna recomenda, se as almofadas não se espalharem, por dezenas, numa negligência sabiamente estudada, por sobre solás, divans, *maples*, e ainda pelo chão, junto dos móveis, no limiar das janelas e das portas.

Tanto basta para que a mulher se aplique a imaginar almofadas tão originais e artísticas quanto lho permita a fertilidade do seu espírito inventivo, sempre insatisfeito de beleza.

As formas mais inesperadas, as fantasias mais extravagantes — sem concurso do mau gosto, é claro. — todos os gêneros de bordados, aplicações, incrustações, pintura, desenho, etc., tudo isso perpassa ante os nossos olhos encantados, ao longo de jôdas as casas onde pontifica uma inteligência delicada de mulher que procura criar na sua casa um ambiente de arte, conforto e delicado efeito estético.

Dentre todos os gêneros de trabalho adoptados para decoração de almofadas, o que actualmente está um pouco abandonado é o bordado a matiz. Exceptuando pois este bordado, todos os restantes gêneros de decoração agradam desde que ofereçam um pouco de novidade. Os bustos de damas antigas emergindo de enfolhados e amplos balões — que formam as almofadas para o chão; — as cabeças de *pierrots* e *fierrettes*, odaliscas, etc., espreitando no centro de fartos folhos de fitas de côres, plissadas, franzidas, ou *ruches*; as aplicações ou desenhos em estilo cubista, os desenhos persas, egípcios, os

*filets* de aspecto grosseiro, etc. são recursos preciosos para a ornamentação das almofadas modernas.

Quanto ao feitiço, é variável segundo a inspiração artística e as exigências estéticas da executante e do meio.

Compridas, em forma de travesseiro; longas, rectangulares, como grandes almofadas; triangulares; redondas; tudo se usa e tudo

se vê, numa aliança estranha de coloridos, estilos e formas, realçando-se mutuamente e conseguindo, afinal, um conjunto harmónico, por mais discrepantes que sejam entre si as múltiplas almofadas que uma inteligência conseguiu atirar com simulada indiferença para todos os recantos do seu elegante salão.



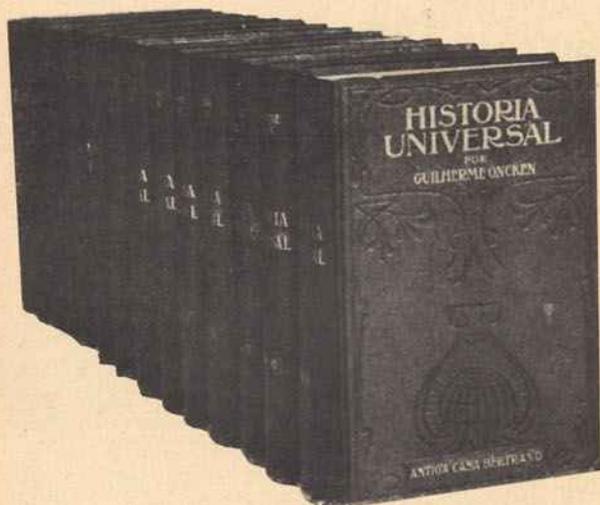
## SOCIEDADE ELEGANTE



Num dos últimos dias de janeiro findo, a sr.<sup>ta</sup> D. Genevêva de Lima Mayer Ulrich e seu marido, sr. dr. Rui Enes Ulrich ofereceram, no palacete da sua residência, um baile a numerosas pessoas das suas relações, para apresentação, na sociedade, da sua gentil filha. Da distinta assistência a esse brilhante e notável acontecimento mundano arquivamos nestas páginas dois interessantes aspectos.

# O NOSSO CONCURSO

## EM QUE CONSISTE



História Universal, de Guilherme Oncken,  
1.º prêmio do nosso concurso

Durante a publicação do romance

### “O MUNDO PERDIDO”

obra de mais alto interesse, algumas palavras serão substituídas no texto por cruzetas (+ + + + +) em número igual ao das letras que substituem. Trata-se de reconstituir, pelo sentido da frase a palavra substituída.

Essas palavras, juntas, formarão dois provérbios dos mais conhecidos e usuais.

Exemplo: Os + + + + +, êsses formosos animais domésticos, quando chega a + + + + + apresentam fosforescentes os olhos que + + dia são + + + + + e sem grande expressão. Entre + + + + + os animais domésticos + + + + + eles + + únicos que possuem a faculdade de vêr nas trevas.

Temos pois: Os *gatos*, êsses formosos animais domésticos, quando chega a *noite* apresentam fosforescentes os olhos que *de* dia são *pardos* e sem grande expressão. Entre *todos* os animais domésticos, *são* eles *os* únicos que possuem a faculdade de vêr nas trevas.

Palavras reconstituídas pelo sentido: *gatos, noite, de, pardos, todos, são e os.*

Colocadas na devida ordem, dão o conhecido provérbio: «*De noite todos os gatos são pardos.*»

Simple e intuitivo.

**IMPORTANTE:** No texto do romance, as palavras a reconstituir não sairão pela ordem que ocupam na frase que devem formar.

### COMO SE CONCORRE

Em cada número da «ILUSTRAÇÃO», durante a publicação do romance

### “O MUNDO PERDIDO”

será publicado um *coupon* numerado, que acompanhará o boletim do concorrente, que publicaremos com o último *coupon*.

Os prêmios não serão sorteados, mas atribuídos aos concorrentes que indicarem o número mais aproximado de soluções certas que lhes pareça ou palpite que devem ser-nos enviadas.

Exemplo: foram-nos enviadas 8325 soluções. O concorrente A. indica, como seu palpite: 8360 soluções, o concorrente B. indica 8300 e o concorrente C. 8250. Os prêmios seriam atribuídos: 1.º a B. (8325 - 25) 2.º a A. (8325 + 35) 3.º a C. (8325 - 75).

### PRAZO DE ENTREGA

Para que os nossos assinantes e leitores da África, Ásia e América, possam concorrer, o prazo de entrega dos boletins do concurso, será de

3 MESES

contados da publicação do número em que termina a publicação do romance

### “O MUNDO PERDIDO”

• • •

### OS PRÊMIOS

#### 1.º PRÊMIO

*História Universal* de Guilherme Oncken, em 20 vols. (16 publicados e 4 em publicação) encadernação de luxo.

#### 2.º PRÊMIO

*Colecção de Teófilo Braga.*

#### 3.º PRÊMIOS

- a) *Obras completas de Alexandre Herculano:* 20 vols., encadernação em carneira.
- b) Edição monumental dos *Lusiadas.*
- c) Edição monumental das *Pupilas do Sr. Reitor.*
- d) 70 Vols. de Camilo (ed. da Parceria A. M. Pereira).

#### 4.º PRÊMIOS

2 Colecções de Eça de Queirós.

#### 5.º PRÊMIOS

2 Colecções *Lusitânia* (40 vols.)

#### 6.º PRÊMIOS

- 2 Colecções Antero de Figueiredo.
- 2 » Aquilino Ribeiro.
- 2 » Dicionários de Cândido de Figueiredo.
- 2 » Dicionários de Domingos de Azevedo.

Mais 50 prêmios de 100.000 em obras escolhidas nos catálogos das livrarias Aillaud e Bertrand.

Mais 40 prêmios de 50.000, idem, idem.

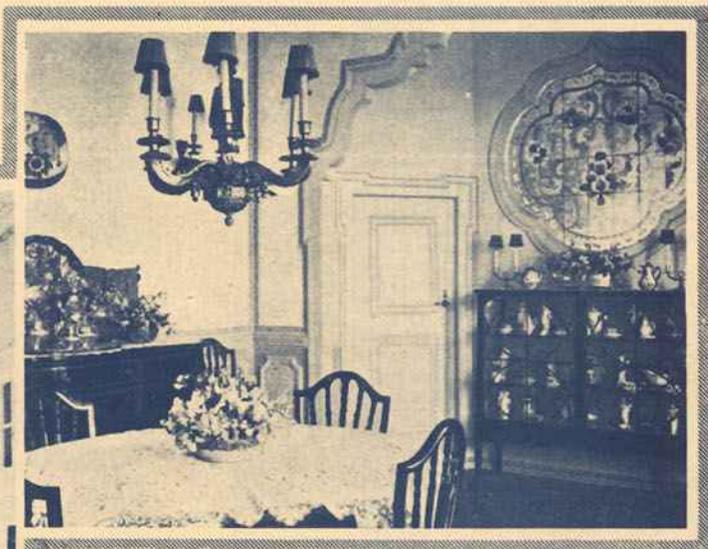
Valor total 15.000.000.

# A CASA PORTUGUESA

CASA DO SR. DR. CUSTÓDIO CABEÇA

LISBOA

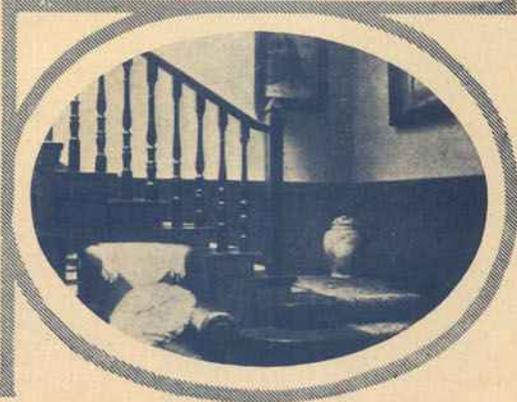
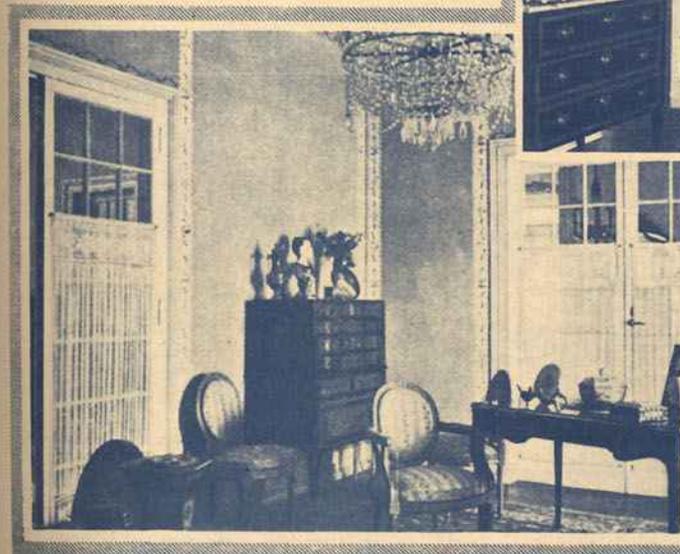
*Nesta casa domina a nota de distinção que caracteriza alguns interiores do século XVIII. Agracia-se aqui o valor decorativo das portas envidraçadas e das pinturas a fresco.*



*A sala de jantar tem frisos azuis sobre fundo levemente assomado.*



*A côe dos fundos e também dada a fresco nas paredes e por vetes lemeira, pela macieça baça da superfície, a pele de camurça.*



# ILUSTRAÇÃO A VOGA

Os chales, abandonando a clausura dos grandes gavetões, jazida das cousas votadas ao silêncio, desertando do tablado, trono de ouropéis e ficções, fêz entrada sensacional nos altos domínios da moda onde a verdadeira e requintada elegância impera.

E ei-los de novo, em áureo apogeu de interesse, escolhidos para as ostentações luxuosas, acarinhados pelos mais solícitos cuidados femininos, ocupando o primeiro plano na ábside maravilhosa do *chic* e da opulência.

Os chales são hoje, como em remotos tempos, o complemento obrigado de uma irreprensível toilette de cerimónia, baile, teatro, ou jantar.

Embora os luxuosos *manteaux* continuem gosando das boas graças da moda, é indiscutível que os chales, os magníficos chales da Índia, ou de Manila, antigos ou modernos, autênticos ou imitados, lhes fazem perigosa concorrência no tocante a saídas de teatro e de escadarias, para resguardo de uma corrente de ar importuna passando ao longo de um magnífico salão mundano.

É que o chale, usado com inteligente graça, permite interessantes atitudes plásticas, completa, muito melhor do que o *manteaux* lançado à pressa sobre uns ombros arripiados, a harmonia leve do conjunto da toilette, casando admiravelmente a polí-cromia dos bordados e o ondular voluptuoso das franjas com a leveza dos tules, das *mousselines* e das *perleges* scintilantes.

Por isso, passaram os chales ousada-

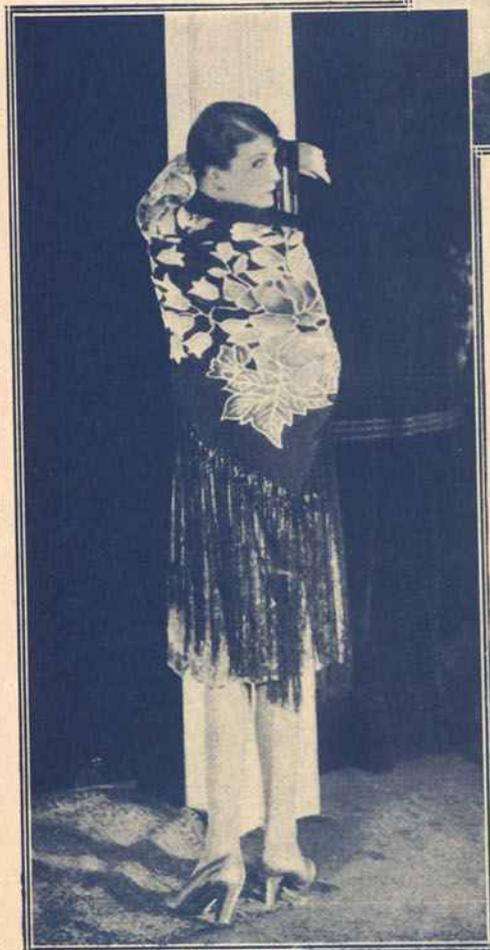
## DOS CHALES

Dai provém a sua divulgação relativamente escassa, o que, aliás, consolida o prestígio de grande *chic* de que gosam os chales modernos.

Nem só os chales bordados, porém, concitam as atenções das senhoras elegantes. A constante versatilidade do espirito feminino no tocante a questões de modas, e ainda a necessidade de criar qualquer cousa, no género, mais acessível, mais facilmente realizável, levou a criar modelos de chales, que se afastam um pouco da ideia básica, atestando mais fantasia do que rigor interpretativo dessa ideia, mas que, pela novidade, pela delicada leveza que os caracteriza, logram simpatias entusiásticas e excitam não menos cubiças.

Isto sucede com os chales no género do que figura no alto desta página, que o espirito de uma grande modista parisiense concebeu e realizou cortando um amplo rectângulo de *lamé* de prata que franjou em toda a volta, com uma alta franja de fios de avestruz deliciosamente coloridos em tons *degradés*.

A par destes chales sumptuosos, que se usam dobrados em ponta, a meio, no sentido longitudinal, ou de qualquer outra maneira que a fantasia ou o gosto próprio indique, porque quanto mais personalidade se vincar na maneira de pôr um chale, maior distinção e *chic* se afirmará, — aparecem no mercado outros modelos mais modestos, que imitam aqueles na forma, sem lograrem recolhê-los o encanto fascinante.



mente, dos vestibulos para o interior dos salões, a moda, resolveu cuidá-los com maior atenção e aplicar ao seu embelezamento, ao desdobramento da fantasia que os caracteriza, todo o seu caprichoso engenho.

E assim se nos deparam nos escritórios luxuosos da alta elegância, nas vitrines reservadas da grande moda, essas maravilhas de gosto, de arte, fascinantes para os olhos, ruinosos para os orçamentos de indumentária hesitantes, que são os chales modernamente em voga.

Desde que sejam vistosos, ricos de cores e bordados, orlados de fartas e longas franjas, todos os chales são bem vistos pela moda do momento. E neste género, confessaremos que a indústria moderna, recorrendo a prodigiosos esforços de imaginativa, pondo em movimento todas as agulhas, habilíssimas e laboriosas intérpretes de espirito criador de belezas e opulências que as impele por entre a macieza dos tecidos, conseguiu apresentar chales formosíssimos. Mas são tão caros... tão pouco acessíveis a quem não tenha a fortuna ao lado, a sancionar, indulgente e fácil, os caprichos de luxo e da elegância que rutilam sem cessar no cérebro de todas as fervorosas sacerdotisas da moda!...

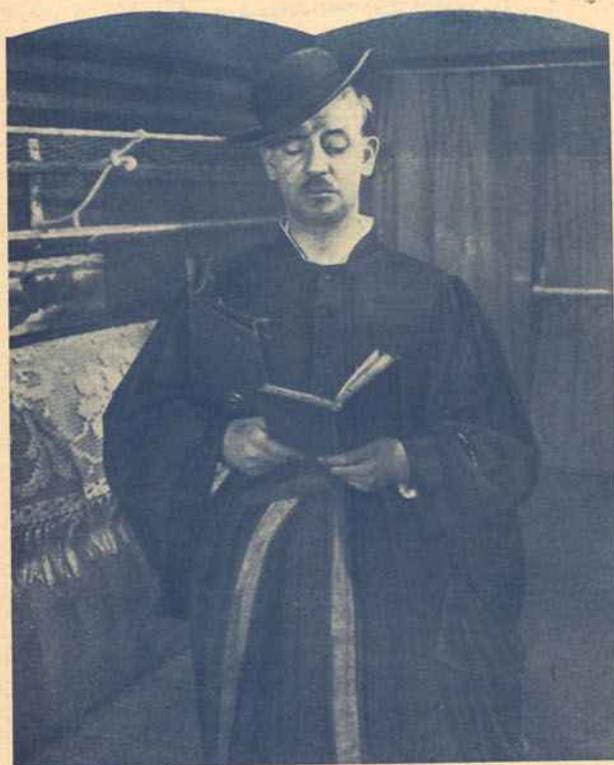


ILUSTRAÇÃO  
PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM



TRÁS-OS-MONTES — ARREDORES DE VIDAGO

(Cliché Cardoso)



A toga de advogado, com um chapéu de côco e um brevíário e eis Moluchet ministro da religião...

## C I N E M A

Um dos mais recentes sucessos parisienses do «écran» é sem dúvida o alegre filme «Jim la Houlette rei dos gatunos», adaptação espirituosíssima da célebre comédia de Jean Guittou que, na época passada, foi representada em Portugal pela companhia Rey-Colaço. Foi o grande Nicolas Rimsky o intérprete cinematográfico do protagonista Moluchet, conduzindo ao sabor da sua verve o espirituoso filme cujo entrecho se pode resumir em meia dúzia de palavras:

O escritor sub-realista Bretonneau assina os romances que o seu secretário e amigo de infância Moluchet fabrica hábilmente. Moluchet aceita essa ingrata situação porque quer estar perto da linda M.<sup>me</sup> Bretonneau a quem ama perdidamente. Como os romances de Bretonneau se estão vendendo cada vez menos, o editor Saint-Levy tem uma ideia genial: como se fala em todos os jornais das novas proezas do fantástico ladrão elegante Jim la Houlette, imagina simular o roubo do manuscrito do último romance de Bretonneau, durante uma recepção que este dá no seu castelo. O caso será atribuído a Jim que, precisamente, acaba de roubar o advogado Clisson, amigo do romancista. Para perfeita simulação o astuto editor pretende que Moluchet desempenhe o papel de Jim la Houlette, visto aparecer a silhueta necessária e o pobre diabo aceita porque ouviu M.<sup>me</sup> Bretonneau apreciar bastante calorosamente a figura romanesca do estranho «rei dos gatunos». Durante a soirée, Moluchet prepara o cenário do assalto que vai simular. Vestido de negro, rosto oculto por um lenço de seda, põe os móveis em desordem e arranca os reposteiros e depois prepara-se para atravessar os salões aterrorizando os convidados e levando na mão o manuscrito e algumas valiosas jóias que Bretonneau cedeu para figurarem na comédia. Neste momento, porém, salta pela janela o verdadeiro Jim, rouba-lhe as jóias e foge. Ao ruído da luta acorrem os convidados e Moluchet, desconcertado, deixa-se prender.

No tribunal, o pseudo Jim la Houlette declara ter feito tudo por ordem de Bretonneau, mas ninguém o acredita. O próprio romancista, cobardemente, acusa o seu humilde amigo. Depois M.<sup>me</sup> Bretonneau, testemunha também, defende o antigo secretário de seu marido confessando-se apaixonada por ele, que julga o Rei dos Gatunos. Então Moluchet declara-se Jim la Houlette, declara-se o criminoso, visto que é o aventureiro que a linda mulher ama nêle. Clisson, o advogado, que defende o bom e heróico Moluchet, discursa brilhantemente mas



A festa em casa do romancista atinga um brilhantismo incomparável...

## TOGRAFIA

em vão. Arguido de algumas centenas de assaltos, confesso Jim la Houlette, Moluchet é condenado à morte.

Na véspera da execução, o advogado Clisson visita-o na cela, veste-o de advogado com toga e pasta e fá-lo evadir-se porque Clisson, que é o verdadeiro Jim la Houlette, não pode deixar que um inocente seja castigado em seu lugar. Moluchet, de toga, com um chapéu de côco que surripiou e um breviário de igual origem, vai para o castelo de Clisson que, evadindo-se por sua vez, se vai juntar a ele.

O verdadeiro Jim chama Bretonneau, faz-lhe aparecer Moluchet depois de lhe ter dito que ele fôra executado e enche-o de tal terror que o desonesto romancista assina um cheque de quinhentos mil francos e... o consentimento para o divórcio que M.<sup>me</sup> Bretonneau, agora ao corrente de tudo, deseja ardentemente porque ama em Moluchet, não o bandido mas o heroico e honrado rapaz cheio de abnegação. Mas a policia chega ao castelo. O misterioso Jim la Houlette desaparece mais uma vez, mas deixa tudo preparado de forma que Bretonneau é levado ao cárcere por falsos testemunhos. Os dois apaixonados vão viver felizes. Como é costume, casam e têm muitos meninos... à sua guarda, num asilo de que se tornam disvelados protectores (Edição Albatros).

■ ■ ■

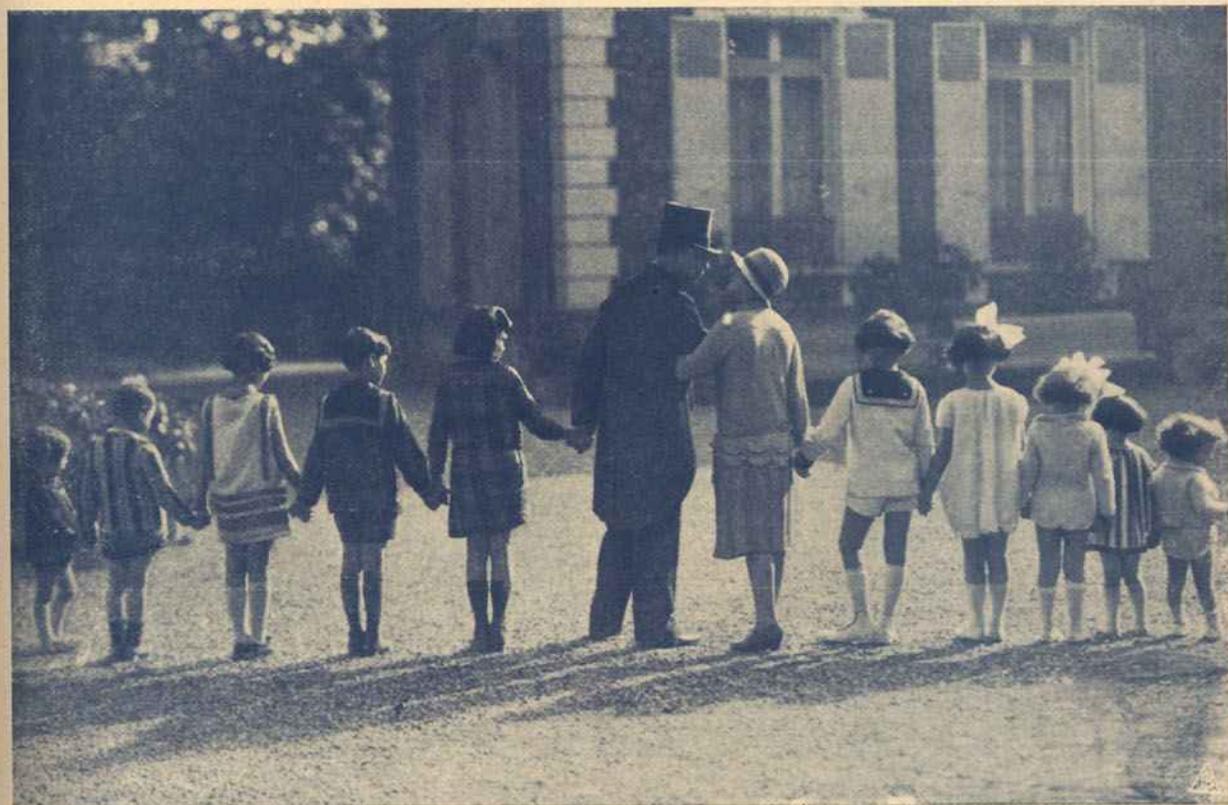
Rudolfo Valentino, ao morrer, deixava preparado um filme «Benvenuto Cellini» que prometia vir a ser o maior espectáculo da cinematografia em 1927. A grande firma «United Artists» que já empantara perto de quatro milhões em construções, futos e armas para essa grande realização, deliberou executar o filme em projecto, substituindo o malogrado italiano pelo «az» dos «azes» Douglas Fairbanks. Os outros intérpretes serão Lowell Sherman e Estelle Taylor.

■ ■ ■

Max Reinhardt, o genial director de teatro alemão, actualmente na América, deve realizar para os «United Artists» uma fantasia de Karl Von Muller com o título *The Brotherhood of Man* tendo como intérprete o grande Douglas.



O perdido Bretonneau, aterrado com a aparição do pobre diabo que julgava morto...

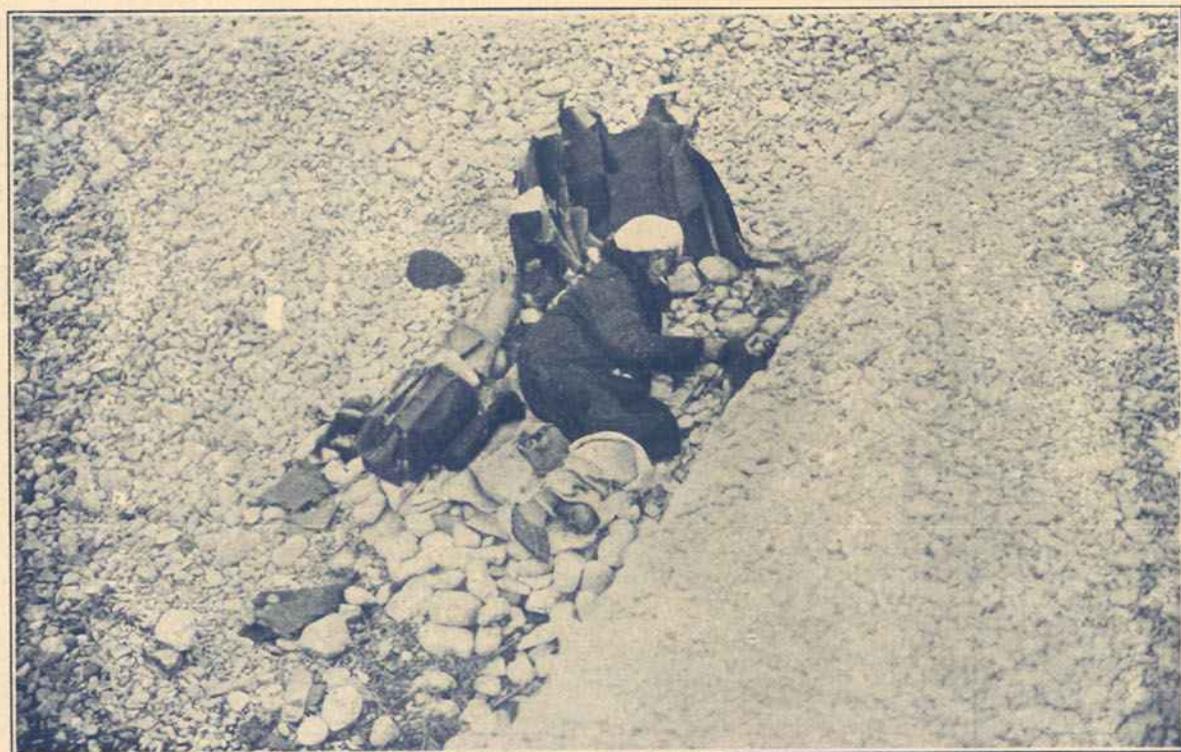


Casaram e tiveram muitos meninos... à sua guarda!!!

# O INVERNO EM NICE



A hora «clides», no Passeio dos Ingleses



O problema da habitação resolvido, em plena «Côte d'Azur», por um turista pouco exigente, mas que se não dispensa de passar o inverno em Nice

# ESCOLA DE POLÍCIA

O trânsito — eis o pesadêlo dos encarregados do policiamento das cidades.

Evitar que os automóveis subam para os passeios e passem sobre o arcoírio dos peões, impedir que as carroças se atravessem na frente dos eléctricos, conseguir que o transeunte entre em casa com as costelas intactas, é o objectivo que desejariam atingir, entre nós, a Câmara Municipal e o Comando da Polícia.

Não basta, porém, a estas entidades a dose de boa vontade desenvolvida para a resolução do problema. Com ruas antigas, tortuosas e estreitas e com uma policia de trânsito, que foi necessário improvisar, o trabalho é da categoria dos chamados de Hércules.

Depois da guerra, em que alguns milhões de vidas se extinguíram, deu-se paradoxalmente um aparente aumento de população em dois aspectos dos aglomerados urbanos: a crise da habitação e o aumento do trânsito. A primeira ainda se explica pela paralisação das construções durante quasi quatro annos, mas do segundo não se encontra facilmente justificação a não ser na multiplicação das fortunas, que dirigiu para as grandes cidades uma corrente imigratória de gosadores da vida.

O facto é que pacatas ruas do «lá vem um» são hoje constantemente cruzadas pelo deslize rápido — às vezes demasiadamente rápido — dos automóveis e o que succede em Lisboa está acontecendo até em Honolulu, em cascos das Ilhas Hawai.

† Para Berlim e Paris, metrópoles clássicas do

trânsito excessivo, a policia da circulação não foi, precisamente, uma inovação nos costumes das ruas. O *boulevard* e a *strasse* coalhados de veiculos e de peões, movendo-se disciplinadamente sob as ordenações da policia, não são novidade recente, mas o movimento por tal forma cresceu nas artérias das duas grandes capitais que a sua regularisação tomou aspectos inteiramente diversos, de molde a dar cunho de nova instituição policial, com os seus guardas quasi automáticos, os seus sinais luminosos, as suas mil e uma inovações tendentes a regular a liberdade de andar pela rua.

Na *Revolte des Anges*, definiu Anatole France os agentes de policia como individuos especialmente dotados de faculdades raras de subserviência, constituindo uma espécie de raça aparte, que se tem propagado através das eras, desde que os homens edificaram as primeiras cidades.

É evidente que a definição só é justa dentro do critério anarquista, que obseca os annos revoltados da obra de Anatole, porque aos annos que se subordinam à disciplina social do Céu, dos costumes e da segurança pública, os agentes de policia hão-de parecer-lhes uns heróis obscuros, sacrificando-se ao bem estar colectivo, sempre prontos a acudir ao primeiro «oh da guarda!» e agora sempre prontos também a impedir que um luxuoso Rolls-Roice ou um



Um «sinaleiro» das ruas de Lisboa

Ford sóbrio de linhas e de comodidade passe sobre o transeunte a borracha dos seus pneus, apagando-o na lista dos vivos.

Em Lisboa, maliciosa, maldizente, e resmungona, os «sinaleiros» foram recebidos com troça, com azedume e com reprovação. Chegaram a inventar-se histórias trágicas de pessoas involuntariamente agredidas pelo bastão indicador das direcções, manejado com vivacidade e energia pelos policia de trânsito, mas em poucos dias acabou-se por achá-los úteis e necessários, quando passada a crise do mal dizer se chegou à fácil conclusão de que mais vale um policia a fazer gestos de bastão num cruzamento de ruas do que dois automóveis a entrarem um pelo outro a oitenta quilómetros à hora.

Como de costume, macaqueou-se este serviço de trânsito e o que em Lisboa e Porto é uma necessidade foi transplantado para algumas pequenas cidades como um luxo de civilização superior.

Não pode Lisboa ter a pretensão de ter, dum modo geral, uma policia perfeita, seja no serviço de trânsito, seja no de guarda e segurança. Mal dotada de verbas orçamentais, escassa de homens que a sirvam, alistando com dificuldade os elementos a quem paga pouco e exige muito, a policia de Lisboa ressent-se ainda da falta duma escola que adestre os guardas nas suas especialidades.



Na escola de «Gardiens de la Paix», de Paris, dirigida pelo instrutor Mr. Peyret des Guichons: um problema de circulação

## ILUSTRAÇÃO

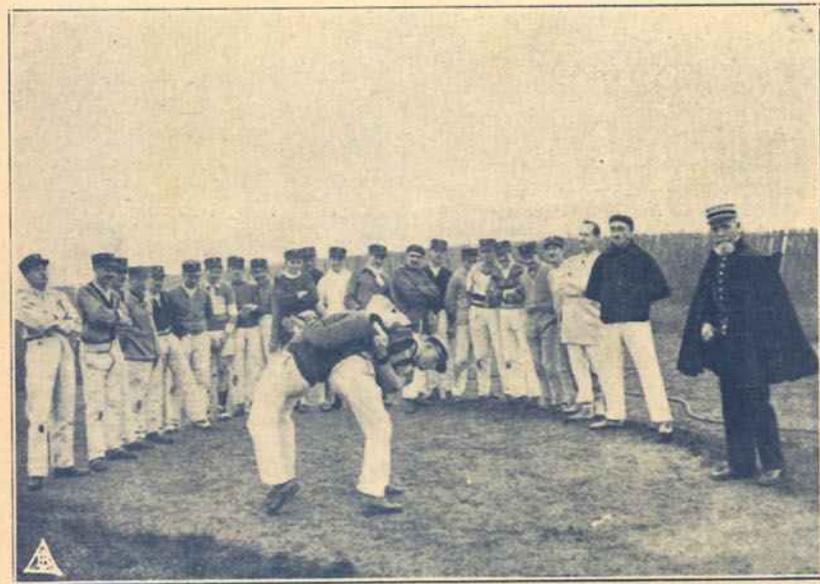
O tipo dominante do guarda civil está ainda, infelizmente, muito próximo do polícia analfabeto e rude que as revistas do ano caricaturaram. Os governos militarizam demasiadamente a corporação da polícia, pondo-a em armas e mandando-a para a rua em som de guerra, quando se anunciam revoluções. Preferem-se, nos alistamentos, as antigas praças de pret do exército, que assim passam dum obediência passiva a uma autoridade em que, em regra, se excedem por falta de ensinamento e pela verificação do provérbio, tão português na sua aplicação, que fala da vara em mãos do vilão.

E frequente ver-se na via pública agentes da segurança sentenciando como Salomões de sabre à cinta e ainda é mais frequente vê-los utilizar nas costas do cidadão a arma que lhes foi confiada exactamente para defender e guardar essas costas.

Sem teoria, apenas com uma prática de escassos dias, os guardas da segurança são atirados para o serviço das ruas com a noção errada e vaga de que a sua missão é meter na ordem e não manter a ordem. Por melhor von-



Grupo de «sinaleiros» franceses num exercício de manejo do bastão indicador



Os «Gardiens de la Paix» exercitam-se em Jiu-jitsu, na previsão de prisões movimentadas

tade, que comandantes e comissários desenvolvam no aperfeiçoamento dos serviços, a matéria prima, já de si inferior para poder ser mais barata, não é trabalhada convenientemente por uma educação especializadora e assim acontece que a polícia de Lisboa, que sabe esperanto, ignora essencialmente a sua missão protectora da segurança individual e colectiva.

Não se nasce agente de polícia, como se não nasce carpinteiro ou serralheiro. Todo o profissional, por mais decidida que seja a sua vocação, tem de passar por uma aprendizagem lenta e segura. Os simples exercícios militares podem adestrar uma corporação de polícia de forma a portar-se bem numa parada, mas se não se ensinar aos agentes de segurança a arte de delicadamente indicar a uma senhora esta ou

aquela rua, de desfazer suasóriamente um ajuntamento que pode degenerar em motim, de manejar o seu bastão de «sinaleiro» de maneira a, sem exageros de jogos malabares, dar passagem segura a veículos e peões, de se defender eficazmente e sem recorrer a extremos de violência dum ataque à sua pessoa e ao prestígio da sua autoridade, se não se lhe proporcionar esta aprendizagem necessária a tão complexo officio não se conseguirá nunca uma polícia civil, porque se terá sómente mais um corpo militar, com a desvantagem dum contacto directo e imediato com a população civil, o que não acontece com os outros corpos do exército senão em ocasiões excep-

Paris desde há muito mantém a sua escola de *Gardiens de la Paix*, sob a direcção do instructor Mr. Peyret des Gâchons. Os novos agentes teem nessa escola uma verdadeira iniciação, que se reveste dum carácter geral e se especialisa, depois, conforme as brigadas a que pertencem os vários serviços. Os problemas da circulação, as boas maneiras do trato com o cidadão, a ginástica, a luta defensiva são ali resolvidos e ensinados teorica e praticamente. Esta recruta de mais largo alcance forma profissionais de polícia e selecciona vocações e competências, contribuindo para um excelente policiamento, hoje mais do que nunca necessário.



Um sinaleiro de Honolulu (Hawaii) instalado no seu posto, com toda a comodidade e segurança



COIMBRA—Igreja de Santa Cruz  
TUMULO DE D. SANCHO

# A SÊDA ARTIFICIAL

As pessoas que censuram a generalização do uso da sêda, lembrando que ela só era empregada antigamente em peças de vestuário que as classes ricas guardavam para os dias solenes, devem ter presente, para atenuar a violência das suas queixas, que a sêda de que se faz tão largo uso não provém daqueles conhecidos casulos pacientemente tecidos por uma operosa lagarta. É sêda artificial que tem por matéria prima ou o algodão, ou a pasta de madeira de que também se faz o papel. Fabricada pela primeira vez, ao que parece, por um inglês, em Lausanne, só em 1900 constituiu indústria de apreciável desenvolvimento. Conquistou depois, rapidamente, os mercados do mundo. Em 1900, a produção foi de 7.000 toneladas; em 1926, de

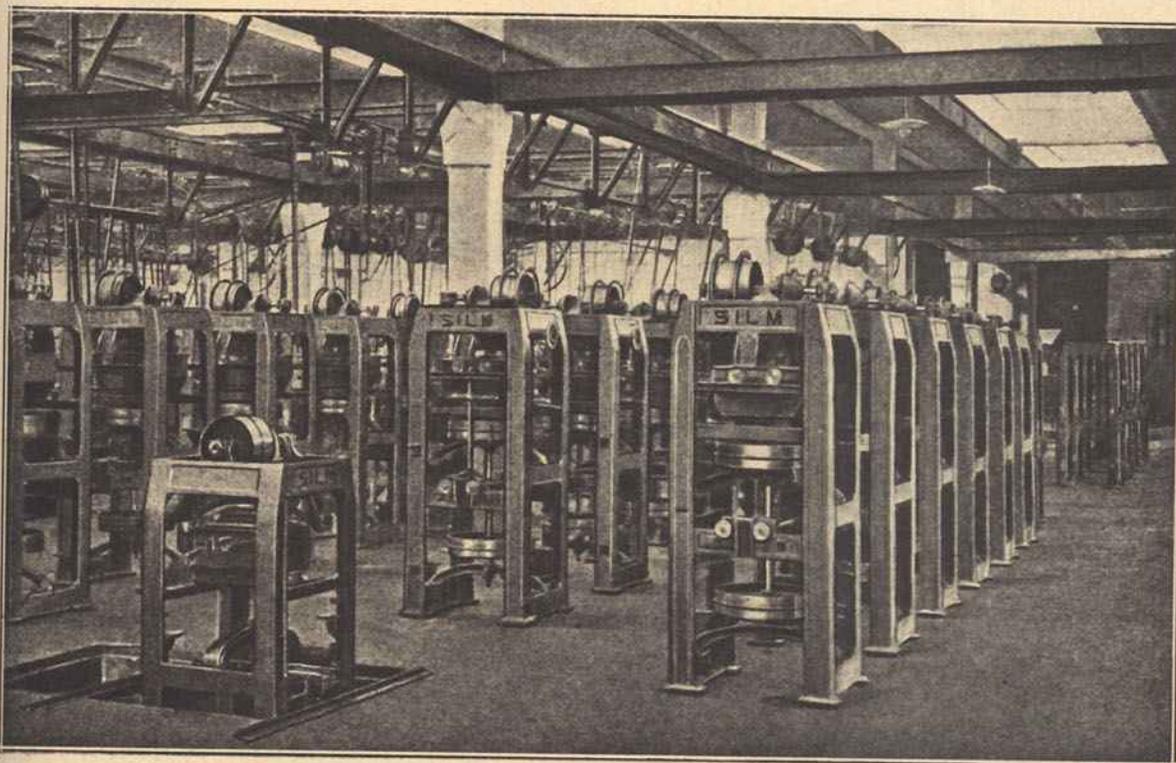
amostras de tecidos que foram justamente admiradas. As dificuldades técnicas eram, porém, grandes ainda, de modo que pode tomar-se o início deste século como a data em que a fabricação da sêda artificial saiu dos domínios da curiosidade experimental para os da indústria definitivamente criada.

Contam-se hoje vários processos para fabricação da sêda artificial, sendo quatro os principais: o da nitro-celulose, o da viscose, o cupro-amoniaco e o de acetato de celulose.

O primeiro, o mais antigo e que tem ainda o nome de processo Chardonnet, utiliza a pasta de algodão. Esta liberta-se de impurezas, principalmente de gorduras, e é seguidamente tratada por uma mistura de ácido sulfúrico e

sêda artificial é o da viscose, não por dar produtos mais belos ou mais resistentes, mas pelas suas vantagens económicas. A celulose que nele se emprega vem da pasta de madeira. Transforma-se em álcali-celulose por acção da soda cáustica, e esta em xantato celulósico por meio do sulfureto de carbono. A viscose é um líquido viscoso, como o nome indica, formado por acção da soda sobre um soluto desse xantato. Os fios que com ela se obtêm endurecem num banho em que entra, como matéria principal, o ácido sulfúrico.

No processo cupro-amoniaco utiliza-se indifferente a celulose do algodão ou a da pasta de madeira. Essa celulose é tratada pelo hidrato cúprico e pelo amoníaco.



Uma grande fábrica moderna de sêda artificial

cêra de 100.000; e afirma-se que nesta indústria trabalha presentemente mais de um milhão de pessoas.

O primeiro inventor da sêda artificial obteve-a reduzindo a pasta os rebentos novos de amoreira, purificando e branqueando essa pasta e tratando a celulose assim obtida pelo ácido nítrico por forma a transformá-la em nitro-celulose. Esta substância era dissolvida em álcool e éter, e a esse soluto juntava-se um soluto de cauchú também em éter. Ficava uma massa viscosa donde se podiam tirar fios agarrados a uma ponta de aço que nela se mergulhava e retirava depois. Esses fios, sêcos ao ar, podiam enrolar-se numa bobine.

Este processo rudimentar não podia ter aplicação industrial; mas o principio fôra descoberto, e os aperfeiçoamentos vieram mais tarde. Trinta anos depois, em 1885, o Conde de Chardonnet dedicou-se a essa fabricação e conseguiu apresentar na exposição de Paris, em 1889,

ácido nítrico que transforma a celulose em nitro-celulose. Lava-se depois para tirar o ácido em excesso, dissolve-se numa mistura de álcool e éter, filtra-se por algodão cardado, sob pressão, e faz-se passar à fieira. Os fios, que se solidificam rapidamente ao ar, enrolam-se numa bobine de madeira.

Este processo tem um grave inconveniente: A nitro-celulose é uma substância explosiva, portanto difícil de manejar. Opera-se, por isso, a desnitrificação do produto num banho de sulfidrato de sódio ou de cálcio, seguindo-se-lhe um outro banho de hipoclorito de cálcio, para o branquear, e uma lavagem com água. Mas nem sempre essa desnitrificação é bem feita. No ano passado morreu uma criança de 12 anos, após duas semanas de sofrimento, porque um fôsforo tinha pegado lume ao «cache-col» que trazia e que ardeu rapidamente. Afirmouse que a sêda tinha sido mal desnitrada.

O processo mais usado para a preparação da

Finalmente há que considerar o processo do acetato de celulose, com o qual se obtém uma sêda especialmente resistente à humidade e mesmo a água do mar, superior, portanto, sob estes aspectos, à sêda natural. A celulose, que se obtém da madeira ou do algodão, é tratada pelo anidrido acético em presença dum catalizador que é, por via de regra, o ácido sulfúrico.

E aqui está nas suas linhas gerais, como não podia deixar de ser, a indicação dos processos com que se obtêm aqueles tecidos cujo brilho Eva tanto preza. Possivelmente a sêda artificial terá contribuído para se estabelecer e se prolongar a moda das saias curtas. Mas, entendamo-nos: Tudo neste mundo é aparência e ilusão. Não é dos casulos que veem as meias sedosas, mas de simples pasta de madeira como a que serviu para fazer o papel onde eu estou escrevendo esta verdadeira narração.

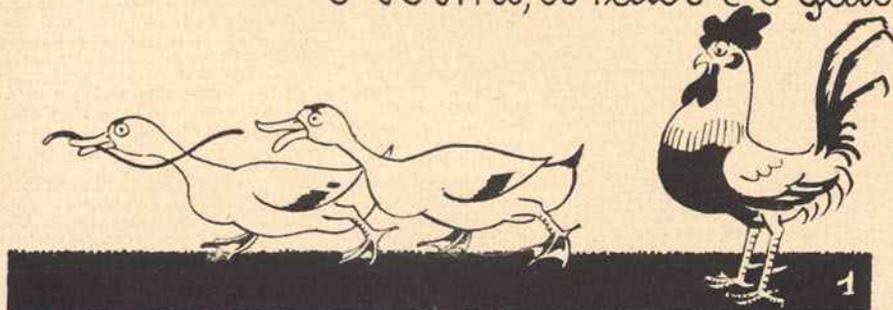
F. MIRA.



# Página Infantil

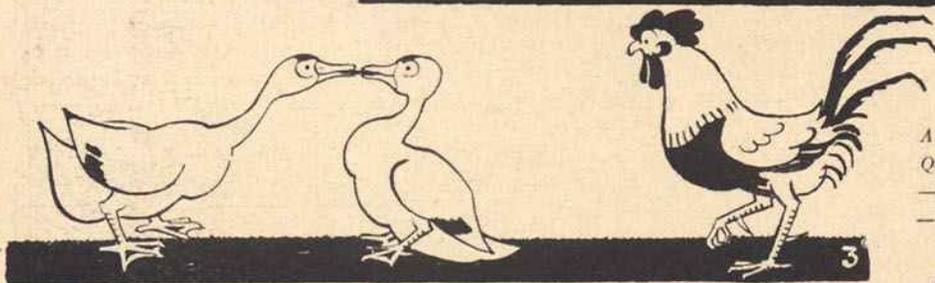
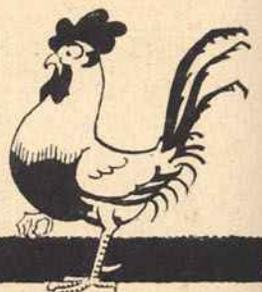
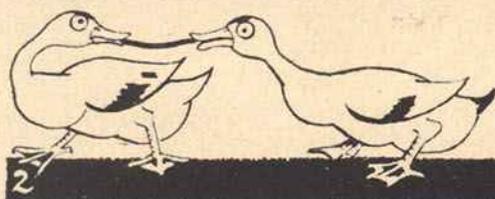


## O Verme, os Patos e o Galo



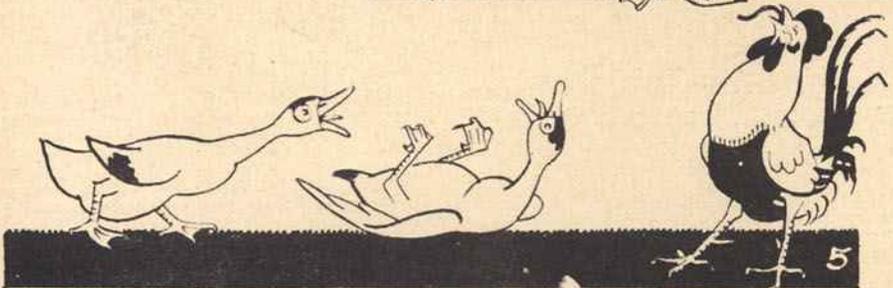
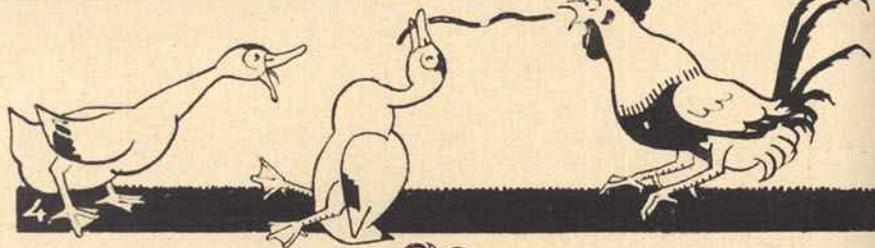
Verme lustroso e comprido  
A pata leva no bico.  
Grita o galo: «Sou marido...  
Sem metade é que eu não fico!»

Perto, um galo acha razão  
Que nos casais bem formados  
Haja sempre meação  
Em todos os bens herdados.



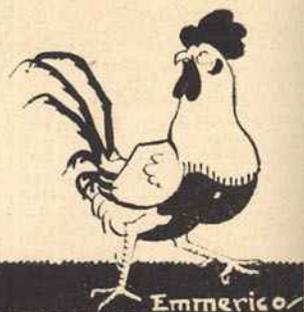
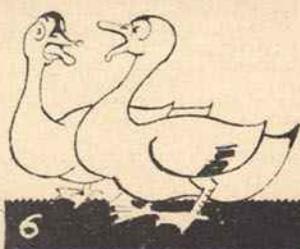
A sentença do juiz  
Qualquer dos dois não acata.  
—Corta ao meio! — o pato diz...  
—É tolo meu! — grita a pata...

Mas p'ra gritar, a patinha  
Abre o bico e logo — zás! —  
O pato, perdendo a linha,  
Um trambulhão dá p'ra trás.



O galo, cuja razão  
Não conseguiu convencê-los,  
Pápa o verme e diz: «Então,  
Cá vai p'ra custas e sêlos!»

Moral do caso — o ditado,  
Que é bem certo em seu dizer:  
«Guardado está o bocado  
P'ra quem o há-de comer!»



## PORTUGAL D'ALEM MAR



LOURENÇO MARQUES. — Grupo de amadores que tomou parte na récita realizada em 18 de novembro passado, no teatro «Gil Vicente», a favor das vítimas do terremoto do Faial, com a peça de Chagas Roquete e Alvaro Lima «O deputado independente». Da esquerda para a direita, primeiro plano: os srs. Teófilo Sitatmiller, D. Fidélia Coelho, D. Celeste Ferreira, D. Maria de Sousa, D. Aida Ferreira e Carlos Santos. Segundo plano: Jaime Vasques, Abrens Teixeira, D. Suzana de Almeida, menina Manuela Santos, D. Celeste Lima e Joaquim Sitatmiller. Terceiro plano: Júlio Real, Carlos Teixeira (ensaiador), Carlos da Fonseca, Manoel Coelho, Cardoso Monteiro, Eugénio Fernandes, Luis Vieira e Gil Medina



NOVO REXONDO. — Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Cândida Raposo de Oliveira com o sr. António da Costa Botelho, guarda-livros e gerente da Companhia do Scies

## A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

(Conclusão)

—Viam-no os olhos de Deus! Os anjos apontavam-no sempre! O demónio conhecia-o bem e exacerbava a dor passando constantemente por ele seu dedo ardente. Mas ele o escondera manhosamente de todos os homens, e passava entre vós com o ar de um espírito, triste, porque, sendo tão puro, se encontrava num mundo pecador! — e saudoso, porque lhe pesava estar longe de seus irmãos celestes! Agora, à hora da morte, se ergue ele ante vós! Ele vos ordena que olheis mais uma vez para a letra encarnada de Hester! Ele vos diz que, com todo seu misterioso horror, ela não é mais que a sombra daquilo que ele mesmo traz no peito, e que também isso, o seu estigma vermelho, não é mais que o símbolo daquilo que lhe tem queimado o fundo do coração! Há algum de vós que duvide do castigo que Deus dá a um pecador? Olhai! Vêde este pavoroso testemunho!



E com um movimento convulsivo, arrancou o peitilho eclesiástico que lhe cobria o peito. Estava feita a revelação! Mas fôra irreverente descrevê-la. Por um instante os olhares da multidão horrorizada se concentraram no pavoroso milagre; e o ministro se manteve de pé, à vista de todos, com um rubor de triunfo nas faces, como quem, numa crise de dor agudíssima, tivesse ganhado vitória. Depois, caiu de repente sobre o cadafalso! Hester levantou-o um pouco,

e encostou-lhe a cabeça contra o seio. O velho Roger Chillingworth ajoelhou ao lado d'ele; do semblante pálido, parado, do físico dir-se-ia ter fugido a vida.

— Escapaste-me! — repetiu mais de uma vez. — Escapaste-me!

— Deus te perdoe! — disse o padre. — Tu, também, muito pecaste!

Desviou do velho os olhos moribundos e ficou-os na mulher e na criança.

— Minha Pearl — disse ele com voz fraca — e havia em seu rosto um suave sorriso, como o de alma que cai em profundo repouso; sacudido o penoso fardo, até quasi parecia que ia brincar com a criança — minha Pearl pequenina, não me beijas agora? Lá na floresta não quiseste? E agora, queres?

Pearl beijou-o na boca. Quebrara-se o encanto. A grande scena de dor, em que a estranha criança tivera também parte, tinha-lhe feito desabrochar a sensibilidade; e as lágrimas que lhe caíam sobre as faces do pai eram penhor de que ela ia crescer entre a alegria e a dor humanas, de que não ficaria sempre a batalhar com o mundo, mas seria nêle uma mulher como as outras. E também para a mãe estava terminada a missão de Pearl como portadora de angústia.

— Hester — disse o sacerdote — adeus!

— Nunca mais nos veremos? — segredou ela, baixando a face até perto da d'ele. — Não passaremos juntos a nossa vida imortal? Ah, por certo, por certo, nos temos remido um ao outro, com toda esta dor! Tu estás a olhar pela eternidade fora, até muito longe, com esses teus olhos penetrantes de moribundo! Dize-me que estás a ver!

— Cala, Hester, cala! — disse ele com trêmula gravidade. — A lei que violámos! — o pecado aqui tão solenemente revelado! — devem ser as tuas únicas preocupações! Eu temo! Eu temo! Porventura, desde o momento em que esquecemos o nosso Deus — em que violámos o respeito que cada um de nós devia à alma do outro — se nos tornou vão esperar que nos pudessemos encontrar na outra vida, em perpétua e pura reunião. Deus o sabe; e ele é misericordioso! Patenteou a sua misericórdia, sobretudo, em minha aflição. Quando me deu esta tortura ardente para eu trazer no peito! Quando me mandou aquele velho sinistro e terrível, para

*Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

manter a tortura sempre em brasa! Quando aqui me trouxe para morrer ante o povo esta morte de triunfante ignomínia. Se alguma destas agonias me faltara, eu me teria perdido para sempre! Santificado seja o Seu nome! Seja feita a Sua vontade! Adeus!

Esta palavra final soltou-a o padre com o último sôpro de vida. A multidão, até ali silenciosa, rompeu num rumor fundo e estranho de assombro e terror, que contivera até se manifestar neste murmúrio que gravemente acompanhava o espírito que tinha partido.

## XXIV

## CONCLUSÃO

Ao cabo de muitos dias, quando já passara tempo bastante para que o povo pudesse coordenar ideias acerca da scena que acabou de se descrever, corria mais de uma versão do que se tinha visto no cadafalso.

Afirmava a maioria dos espectadores ter visto, no peito do desditoso padre, uma LETRA ENCARNADA — exactamente igual à que usava Hester Prynne — impressa na carne. Quanto à sua origem, davam-se várias explicações, todas elas necessariamente conjecturais. Diziam alguns que o reverendo sr. Dimmesdale, no próprio dia em que Hester Prynne principiara a usar o sinal de ignomínia, tinha começado uma penitência — que depois, por vários processos fúteis, proseguira — infligindo a si próprio uma tortura hedionda. Pretendiam outros que o estigma se não mostrara senão muito depois, quando o velho Roger Chillingworth, potente nigromante, o fizera aparecer, pelo emprêgo de artes mágicas e de drogas venenosas. Outros, ainda, — e os mais competentes para avaliar da estranha sensibilidade do padre, e da maravilhosa acção de seu espírito sobre o corpo — segredavam a crença de que o pavoroso símbolo era efeito do dente incansável do remorso, sempre a roer do fundo do coração para fora, o qual acabara por manifestar o terrível castigo divino pela presença visível da letra. Escolha o leitor, entre estas teorias. Nós que lançámos sobre o prodígio toda a luz que pudemos, agora que ela fez seu efeito, quiséramos apagar a sua imagem de nosso cérebro, onde prolongada meditação a gravou com allitiva nitidez.

É, porém, singular que certas pessoas que

assistiram a tôda a scena, e que afirmavam nunca ter desviado os olhos do reverendo sr. Dimmesdale, negavam que no peito dêle houvesse mais sinal que no de qualquer recém-nascido. E, no relato destas, não tinham as últimas palavras do padre confessado, ou sequer insinuado, qualquer relação — por pequena que fosse — com a culpa pela qual Hester Prynne há tanto tempo usava a letra encarnada. Segundo estas respeitabilíssimas testemunhas, o padre sabendo que ia morrer — e sabendo, também, que a veneração do povo o colocava já entre os santos e os anjos — desejava, morrendo nos braços daquela mulher caída, exprimir ao mundo como é inteiramente nula a maior virtude humana. Depois de esgotar a vida trabalhando para o bem espiritual da humanidade, tinha querido que a sua morte fosse uma parábola, para gravar bem na alma dos seus admiradores esta lição tremenda e humilhante: que, aos olhos da Pureza Infinita, todos somos igualmente pecadores. Fôra para ensinar-lhes que o mais santo de nós todos apenas excedeu aos seus semelhantes em poder distinguir mais claramente a Misericórdia que lá de cima nos contempla, e repudiou mais inteiramente o fantasma do humano merecimento, inclinado a erguer confiadamente a sua aspiração à bem-aventurança. Sem que pretendamos contestar uma tão importante verdade, ser-nos há, todavia, permitido considerar esta versão do caso do sr. Dimmesdale como apenas um exemplo da fidelidade inabalável com que os amigos de um homem — e especialmente de um sacerdote — persistem às vezes em defender o seu carácter, quando provas tão claras como o sol do meio-dia sobre a letra encarnada mostram que êle é um mortal falso e pecador.

A autoridade de que principalmente nos temos valido — um antigo manuscrito, redigido sobre o testemunho verbal de várias pessoas, algumas das quaes tinham conhecido Hester Prynne, e outras tinham ouvido a história a testemunhas contemporâneas — plenamente confirma a versão que seguimos nas páginas precedentes. Entre as várias conclusões morais que nos surgem da triste experiência do inditozo padre, uma só podemos em palavras: — Sê verdadeiro! Sê verdadeiro! Sê verdadeiro! Mostra livremente ao mundo, se não o pior que há em ti, ao menos alguma cousa de que o pior se possa concluir!

Nada mais notável que a mudança que se operou, logo após a morte do sr. Dimmesdale, no aspecto e no procedimento do velho conhecido por Roger Chillingworth. Tôda a sua força e energia — tôda a sua vitalidade física e mental — pareceu abandoná-lo de uma vez, de sorte que positivamente se engelhou, se mirrou, e quasi se sumiu da vista dos homens, como erva arrancada que o sol vai reduzindo a pó. Êste infelizmente tinha feito consistir o princípio dominante da sua vida no intento e no exercício sistemático da vingança; e quando, por seu

triufo e consumação completos, a êsse mau princípio faltou todo o alimento — quando, em suma, já não havia na terra mais obra diabólica que êle fizesse — só restava àquele mortal desumanizado retirar-se para onde seu Amo lhe daria tarefas bastantes, e lhe pagaria o devido salário. Mas com todos estes sôres tornados sombras, com que durante tanto tempo temos convivido — Roger Chillingworth e seus companheiros — queríamos nós ser misericordiosos. Curioso objecto de observação e estudo é o de saber se o ódio e o amor não serão no fundo a mesma cousa. Cada um dêstes sentimentos, em seu máximo desenvolvimento, pressupõe um alto grau de intimidade e de conhecimento do coração; cada um torna uma pessoa dependente de outra para o alimento de seus affectos e vida espiritual; cada um deixa o amante apaixonado, ou o não menos apaixonado inimigo, só e consternado quando o objecto do amor ou do ódio desaparece. Filosóficamente consideradas, as duas paixões parecem, pois, essencialmente a mesma, excepto em que uma se nos apresenta cercada de luz celeste, e a outra de um clarão vermelho e sinistro. No mundo espiritual, o velho físico e o padre — vítimas um do outro, como foram, — por ventura encontraram, sem o esperar, o seu cabedal terreno de ódio e antipatia convertido em áureo amor.

Deixando, porém, esta discussão, temos um assunto importante a comunicar ao leitor. Por morte do velho Roger Chillingworth (a qual succedeu dentro de um ano), e por seu testamento, a cujas disposições êle encarregou o Governador Bellingham e o reverendo sr. Wilson de dar cumprimento, deixou o físico bens muito consideráveis, tanto aqui como em Inglaterra, a pequenina Pearl, filha de Hester Prynne.

Assim Pearl — a criança estranha — a prole do demónio, como muitos ainda a supunham ser — ficou sendo a mais rica herdeira de seu tempo em tôda a Nova Inglaterra. Não é inverosímil que a esta circunstância fosse devida a considerável mudança que a seu respeito se deu na opinião pública; e, se mãe e filha ali houvessem ficado, Pearl, chegada à idade de casar poderia, muito bem ter misturado seu inquieto sangue com a linhagem do mais devoto de todos os puritanos. Porém, não muito depois da morte do físico, desapareceu a portadora da letra encarnada, e com ela Pearl. Durante muitos anos, ainda que de vez em quando uma vaga notícia atravessasse o mar — como pedaço de madeira que dá à costa e que tem gravadas as iniciais de um nome — não se receberam novas indiscutivelmente autênticas da mãe e da filha. A história da letra encarnada converteu-se em lenda. Seu mágico efeito era, todavia, ainda enorme, e tornava objecto de terror o cadafalso onde morrera o padre, e também a cabana ao pé do mar, onde tinha morado Hester Prynne. Uma tarde, umas crianças que brincavam perto dêste último sitio, viram aproximar-se uma mulher alta, vestida de cinzento. A mulher diri-

giu-se para a porta da cabana. Em todos aqueles anos nunca essa porta se descerrara; mas ou ela a abriu com chave, ou a madeira e as ferragens velhas cederam à sua mão, ou passou como uma sombra através dêstes obstáculos. O certo é que entrou.

No limiar, demorou-se um momento e voltou-se um pouco, pois talvez a ideia de entrar só, e depois de tudo tão mudado, na casa onde passara outrora uma vida tão intensa, fosse triste e desoladora de mais para que ela a pudesse suportar. Mas a hesitação foi apenas momentânea, se bem que durou o bastante para mostrar uma letra encarnada em seu peito.

; E Hester Prynne tinha voltado, e retomado a sua ignomínia abandonada há tanto! ; Mas onde estava a pequenina Pearl? Se ainda vivia, deveria estar agora na flor da juventude. Ninguém sabia — e ninguém veio a saber com perfeita certeza — se a estranha criança se escondia prematuramente em virginal sepultura, ou a sua índole inquieta e exuberante se havia abrandado e sujeitado, e se tornara capaz da doce felicidade reservada à mulher. Mas, durante o resto da vida de Hester, não faltaram indicações de que a reclusa da letra encarnada era objecto do amor e do interesse de alguém que habitava outra terra. Vinham para ela cartas, com sinetes brasonados, ainda que de armas desconhecidas à heráldica inglesa. Na cabana havia objectos de conforto e de luxo de que Hester nunca se servia, mas que só a riqueza podia ter comprado e o affecto ter escolhido. Havia também futilidades, pequenos adornos, lindos testemunhos de uma lembrança constante, que deviam ser obra de dedos hábeis impulsionados por um coração affectuoso. E uma vez encontraram Hester a bordar um vestido de criança, com tão grande riqueza de esplêndida fantasia que, se alguma criança vestida dêste modo se mostrasse à nossa comunidade, sempre envôlta em trajos de cores sóbrias, tôda a população se teria amotinada.

Em suma, criam as comadres daquele tempo — e cria o senhor Inspector Pue (1), que fez investigações um século depois — e um de seus recentes sucessores profissionais também fielmente crê — que Pearl não somente vivia, mas estava casada e feliz, e se lembrava sempre da mãe, e muito gostaria de ter ao pé de si, em sua casa, essa mãe triste que fôra buscar a solidão.

Mas para Hester Prynne havia aqui, na Nova Inglaterra, uma vida mais real que naquele desconhecido país onde Pearl encontrara um lar. Aqui se dera o seu pecado; aqui os seus desgostos; aqui teria de ser também a sua penitência. Tinha, portanto, voltado e retomado — de sua livre vontade, pois que nem o mais duro

(1) Antigo Inspector da alfândega de Salem onde Hawthorne exercera o mesmo cargo, e onde, na *Alfândega*, diz ter encontrado, feito ou mandado fazer por aquele seu antecessor, um manuscrito com a narrativa que lhe serviu de base ao romance e, junto dêle, a letra encarnada que usara Hester Prynne.

## ILUSTRAÇÃO

magistrado daqueles tempos de ferro teria sido capaz de lho impor—o símbolo de que temos narrado a sombria historia. E dali em diante nunca deixou de usá-lo. Mas no decurso dos anos de trabalho, cuidados e abnegação que formaram a vida de Hester, a letra encarnada deixou de ser um estigma que atraísse o desdém e a dureza do mundo, e passou a ser o sinal de um objecto de lástima e a ser olhada com temor, sim, mas também com veneração. E, como Hester Prynne não tinha fins egoístas, nem vivia, de modo algum, para seu proveito e satisfação própria, passaram a trazer-lhe o relato de tristezas e de dávidas, e a pedir-lhe conselho, como a pessoa a quem a vida muito experimentara. As mulheres, sobretudo—nas repetidas provações de affectos feridos, não correspondidos, injuriados, mal empregados, ou culpáveis e pecaminosos, ou com o triste pêso de um coração por dar, porque ninguém o prezava ou buscava—vinham à cabana de Hester, perguntar-lhe porque eram tão infelizes e qual era o remédio! Hester consolava-as, e aconselhava-as o melhor que podia. Afirmava-lhes, também, a sua firme crença de que, nalguma época melhor, quando o mundo para tal estivesse preparado, na ocasião em que o quisesse Deus, uma verdade nova seria revelada para estabelecer tóda a relação

entre o homem e a mulher em mais seguro terreno de mútua felicidade. Num período anterior de sua vida, tinha Hester em vão imaginado que talvez pudesse ela mesmo ser a profetisa predestinada; mas havia muito que reconhecera a impossibilidade de ser confiada qualquer missão de verdade occulta e divina a mulher a quem o peccado tivesse maculado, a quem o opróbrio tivesse curvado, ou sobre quem pesasse uma vida inteira de amargura. O anjo e apóstolo da revelação vindoura teria que ser, sim uma mulher, porém uma mulher digna, pura, e bela; tornada sabedora, não pela tristeza que entenebrece, mas pela acção de uma alegria celestial; e que mostrasse como o sagrado amor nos pode tornar felizes, com o testemunho, sobre todos valioso, da ventura de uma vida dedicada a êsse propósito.

Assim dizia Hester Prynne, e baixava tristemente os olhos para a letra encarnada. E depois de muitos, muitos anos, nova sepultura foi aberta, ao pé de outra, antiga e abatida, naquele cemitério ao pé do qual depois se construiu King's Chapel. Abriram-na ao pé desta, mas deixando um espaço de permeio, como se o pé dos dois mortos não tivesse direito a misturar-se. Porém uma só lousa serviu para ambos. Em tórno, por tóda a parte, havia mau-

solêus brasonados; e nesta lousa simples—como o investigador curioso ainda poderá ver, perplexo com o que possa significar—havia também uma semelhança de escudo de armas. Era uma figura cuja definição em linguagem heráldica poderia servir de epigrafe e sumária indicação da historia que acabámos de contar; tão sombria ela é, e apenas aliviada por um fulgente ponto de luz, ainda mais sinistra que a própria sombra—EM CAMPO PRETO A LETRA A EM SANGUINHO.



## NO PRÓXIMO NÚMERO

Inicia a

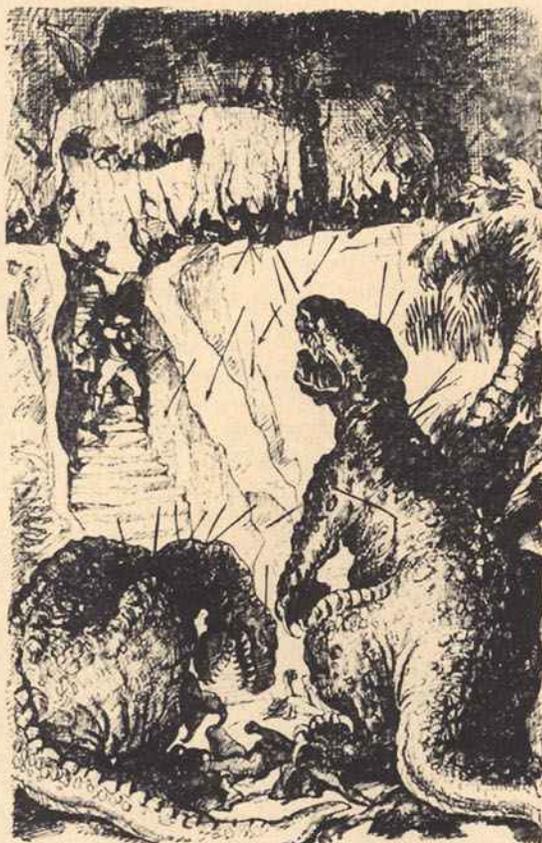
**ILUSTRAÇÃO**

a publicação

do sensacio-

nal romance

de aventuras



original  
de

**CONAN  
DOYLE**

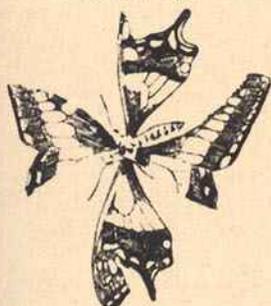
o roman-  
cista inglês  
de reputação  
mundial

**O MUNDO PERDIDO**  
GRANDE CONCURSO—15 contos de prémios

# P A S S A T E M P O

## A BORBOLETA

(Passatempo)



Trata-se apenas de a reconstituir, para isso, basta desenharem sobre o desenho que aqui está, uma figura geométrica regular que não de dividir em seis partes iguais e simétricas. Feito isto, recortem essa figura pelos traços e conseguirão, facilmente, reconstituir este bonito insecto.

• • •

O cliente: — O meu maior incômodo, doutor, é na respiração.

O médico: — Já vamos acabar com isso.

• • •

## PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo)

			1			2		
3	4	5		6	7		8	9
	10			11			12	
	13				14			
15						16		17
18		19					20	
21	22						23	
24					25			
	26		27				28	
	29	30			31	32		

Horizontalmente:

3 Personagem mitológico. — 7 Cidade. — 10 Nota de música. — 11 Quer bem. — 12 Artigo árabe. — 13 Sultão. — 14 Rei da antiguidade. — 15 No altar. — 16 Ponto cardinal. — 18 Artigo francês. — 19 Apelido. — 20 Catedral. — 21 Para riscar. — 23 Letra grega. — 24 Constelação. — 25 Engano. — 26 Carta de jogar. — 27 Espaço de tempo. — 28 Duas vogais. — 29 Alcali mineral. — 30 Nas cidades.

Verticalmente:

1 Letra grega. — 2 Perto. — 4 Árvores. — 5 Nos versos. — 6 Dansa antiga. — 7 Escritor espanhol. — 8 Ente supremo. — 9 Notáveis. — 15 Expressão antiga. — 17 Nome de um Papa. — 22 Juízo. — 23 Para cavalgar. — 30 É generoso. — 31 Exclamação.

## DESINTERESSADO

A mulher do Ferreira era especialmente amiga de lembrar ao marido que a prata era dela, a mobília era dela, o piano era dela, e assim por diante, até que o pobre Ferreira já tinha pena de não ter casado antes com uma rapariga sem vintem.

Uma noite a sr.<sup>a</sup> Ferreira acordou e ouviu vozes estranhas nas salas em baixo. Sacudindo o marido pelos ombros, chamou-o:

— João, levanta-te! Andam ladrões, lá em baixo!

— Anh! o que é? — perguntou o marido, cheio de sono.

— Ladrões lá em baixo! — gritou-lhe a mulher.

— Ladrões? — disse o Ferreira voltando-se para o outro lado. — Ora, deixá-los roubar. Não está lá nada meu!

• • •

O criado do restaurante tinha sido extremamente demorado em servir o jantar e o freguez desafogava a sua irritação em sarcasmo.

— Olha lá, rapaz, — disse ele. — Traze-me o café e o licor e enquanto por lá estiveres podes mandar-me de vez em quando um bilhete postal.

• • •

— Você acredita que o treze seja um número fatal?

— Não sei; mas a verdade é que todos quantos viveram no século treze já morreram.

• • •

A criada: — Está ali um homem a procurar o senhor, com duas pernas de pau.

O patrão: — Dize-lhe que não queremos nenhumas.

• • •

## UM VIAJANTE PRECOCE

Dizia um rapazinho para outro.

— Temos passado muito mau tempo lá por casa. O nosso bêbê foi para o céu.

— Lá pela nossa ainda tem sido pior. Veiu-nos um do céu para lá.

— Que massada! é capaz de ser o mesmo que anda de um lado para o outro.



A mãe: — Porque não gritaste quando o Maurício te deu um beijo?

A filha: — Oh! minha mãe, ele ameaçou-me.

A mãe: — Ameaçou-te? Como?

A filha: — Disse-me que se eu gritasse nunca mais me tornaria a beijar.

— Estás pronta, minha querida? — perguntou o marido.

— Estou. Vou já num instante. Falta-me só pôr o chapéu.

— Está bem. Então ainda tenho tempo de fumar um charuto e ler os jornais antes de sairmos.

• • •

## PALAVRAS CRUZADAS

(Solução do 27.º numero)

		N	E	M		B	E	M	
	S	A	L			R	I	M	
L	I	D	O		E		A	M	A
	E	R	A		R	U	A		O
		I		M	A	T	T	A	
			C	A	D	E	I	R	A
C			C	I	R	R	O		R
A	S	A		O	P	A		A	L
L	A	M	A		E		C	L	I
		L	E	R			R	E	Z
			N	A			S	E	M

# BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

## REGISTO BIBLIOGRÁFICO

### SECÇÃO FRANCESA

#### LITERATURA

##### ROMANÇOS, CONTOS E NOVELAS

AUBRY (OCTAVE) — *Le Roman de Napoléon. Bonaparte et Josephine*. 12 fr.  
 BARTHIZ (HENRY) — *Cleopâtre la voluptueuse*. 12 fr.  
 BELLOD-MORÉL (V.) — *Les Suédois! les Suédois!* 4 fr.  
 BONDIY (FRANÇOIS DE) — *Les Douces Fleches*. 12 fr.  
 BONJEAN (FRANÇOIS) e AHMED VIEUX — *Histoire d'un enfant du pays d'Égypte. II-El Asir*. 12 fr.  
 BOUCHER (ENRI) — *Trop laid...* 10 fr.  
 CHAMPAUD (FÉLIX) — *Le Combat des sexes*. 15 fr.  
 DERRINNES (CHARLES) — *Amours et crimes*. 12 fr.  
 DUCHAMEL (GÉORGES) — *Journal de Salavin*. 12 fr.  
 DYSSORD (JACQUES) — *Les Faisans*. 10 fr.  
 L'ÉPIQUE (LÉON) — *La dopinée*. 12 fr.  
 GRAUX (DR. JACQUES) — *Le Docteur illuminé*. 12 fr.  
 GREGSON (MARGUERITE) — *Lotissement*. 9 fr.  
 LICHTENBERGER (ANDRÉ) — *Le Cour de Lolotte*. 10 fr.  
 POITEAU (ÉMILE) — *Les Couitisses de l'époque*. 12 fr.  
 ROBERTI (JACQUES) — *Maisons de société*. 12 fr.  
 SIX (ALEXANDRO) — *L'Assasin sentimental*. 12 fr.

#### POESIA

DERRINNES (CHARLES) — *La matinée du faune*. 12 fr.  
 RICHARD (PIERRE) — *Le poète Zenon-Fière et ses poemes posthumes sur Saint-François d'Assise*. 9 fr.

#### ENSÁIOS E CRÍTICA

CHAMPION (PIERRE) — *Marcel Schwob et son temps*. 15 fr.  
 FLORIEN (P.) — *La Penée politique et sociale d'Alfred de Vigny*. 40 fr.  
 GODINEAU — *Stendhal*. 12 fr.  
 MARRIS (HENRI) — *Reflexions sur l'art du roman*. 7 fr. 50.  
 MAURIAS (CHARLES) — *Lorsque Hugo eut les cent ans*. 15 fr.  
 NORMANDY (GRONQUS) — *Jean Lorrain*. 10 fr.  
 ROYER (JEAN) — *Baudelaire mystique de l'amour*. 80 fr.

#### VIAGENS

MAUGLAIR (CAMILLE) — *La Normandie*. 27 fr.

#### TEATRO

COCTEAU (JEAN) — *Orphée*. Tragedie en un acte et un intervaile. 10 fr.  
 ROUSSEL (RAYMOND) — *La Pousiniere de soleils*. 5 actes et 24 tableaux. 10 fr.

#### HISTÓRIA

BLEDI (LEUT-COL. D. P.) — *La Guerre Chimique*. 6 fr.  
 FRANQUELS — *La Grece et la Crise mondiale*. 30 fr.  
 N... — *Memoires d'Abd-El-Krim*. 13 fr. 50.  
 VERHAEREN (PAUL) — *La Belgique sous la domination française. T. III: La guerre des paysans*. (1798-1799). 67 fr.

### FILOSOFIA E RELIGIÕES

BARUZI (JEAN) — *Philosophes et Savants français du XX siècle*. 30 fr.  
 BEVAN (E.) — *Stoiciens et Sceptiques*. 12 fr.  
 BOUCHER (MAURICE) — *La Philosophie de Hermann Keyserling*. 12 fr.  
 DELAGROUY (HENRI) — *Psychologie de l'art*. 50 fr.  
 HAVELOCK ELLIS — *Studies in the Psychology of Sex*. 6 vol.: 180 fr.  
 LETELLIER (ALBERT) — *Si le Christ n'a pas recu?* 12 fr. 50.  
 RIVIERE JACQUES — *De la foi*. 10 fr.  
 SOUBIAU (MICHEL) — *Le Jugement réfléchissant dans la philosophie critique de Kant*. 20 fr.  
 SOUBIAU (M.) — *La fonction pratique de la finalité*. 20 fr.  
 VALIN (PIERRE) — *L'Amour en deça et au delà de la mort*.

### SCIÊNCIAS PURAS

ANGLAS (J.) — *D'Euclide à Einstein*. 7 fr.  
 LARTIGUE (ALFRED) — *Psychodynamique générale*. 15 fr.

### MEDICINA

JEAN (DR. H.) — *Les Nouveaux traitements des maladies des voies urinaires*. 10 fr.  
 JAUBERT (DR. L.) — *La cure de Soleil. Pourquoi et comment la pratiquer*. 12 fr.

## SECÇÃO INGLESA

### LITERATURA

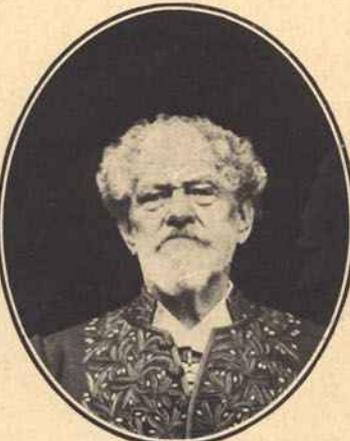
#### ROMANÇOS, CONTOS E NOVELAS

BESON (A. C.) — *Basil Netherby*. 6 s. n.  
 CHAMBERS (ROBERT W.) — *The Manthey hanged*. 7 s. 6 d. n.  
 LITTONY (EDWARD G.) — *S. oil Burton's claim* 5 s. n.  
 LARNETT (DAVID) — *Go she must!* 7 s. 6 d. n.  
 MACLEOD (AURIN) — *The loom of the fool*. 7 s. 6 d. n.  
 MUNROE (KIRK) — *The belt of seven totems*. 7 s. n.  
 REYNOLDS (FRED) — *Love's echo*. 7 s. 6 d. n.  
 RUEGG (HONOUR JUDGE) — *A Staffordshire Knot*. 7 s. 6 d. n.  
 STODDARD (WILLIAM O.) — *The lost gold of the Montezuma: A Story of the Air*. 7 s. n.  
 SYKES (CLAUDE W.) — *The nine-pointed star*. 7 s. 6 d. n.

#### POESIA

BARNETT (FRANCES MARY) — *Wings on the Water*. 2 s. 6 d.  
 DAVIES (EMERIS) — *On Armistice Day*. 2s. 6d.

## JEAN RICHEPIN



Este notável poeta, cujos setenta e sete anos ainda batidos por um singular clarão de juvenildade a morte abateu no mês último de 1926, deixou de si, como escritor, uma memoria que não diremos imorredoura mas que tem jus a manter-se viva ainda por muito tempo. Na historia da literatura francesa dos nossos dias tem o seu lugar, garantido, pelo menos, pela sonoridade das suas rimas e pelo pitoresco da sua linguagem. Cheia de aventuras a sua vida, tendo sabido o que é a miséria e o que é a fome, alcançou renome, conheceu êxitos de livraria e recebeu por fim a consagração académica. Romantico, dum lirismo desordenado, cantou a vida livre, a vida intensa e também o direito de todos os corações ao amor e à beleza eterna. Em muitos dos seus versos apparece-nos como apóstolo dos párias e dos revoltados, em os quais tanto privou. La Chanson des Gueux, Caresses e Blasphèmes, foram, portanto, a trilogia que melhor define a sua individualidade, embora tivesse escrito muito mais obras, embora, além de poeta, tivesse sido conferencista e dramaturgo.

GOTTSCHALK (LAURA RIDING) — *The close chapel* 5 s. n.  
 LIGHTWING (ALAN) — *The moon in the man and other poems*. 5 s. 6 d. n.  
 RATCLIFFE (DOROTHY USA) — *Dale lyrics*. 5 s. n.

#### TEATRO

NOYERS (ALFRED) — *Robin Hood* (5 actos) — 5 s. n.

#### ENSÁIOS E CRÍTICA

BAILEY (JOHN) — *Carducci* 2 s. 6 d. n.  
 MOBLEY (CHRISTOPHER) — *The Romany stain*. 7 s. 6 d. n.

#### MEDICINA

COCKER (E. A.) — *What does my baby want? Health Requirements from Birth to One Year*. 2 s. 6 d. n.  
 POUCHER (W. A.) — *Eve's Beauty secrets*. (Illustrated). 3 s. 6 d. n.  
 WALLACE (J. SIM) — *The teeth and health*. 5 s. 6 d. n.

#### ANTROPOLOGIA

HANKINGS (FRANK H.) — *The Racial Basis of Civilization*. 14 s. n.

#### FILOSOFIA

CRUMLEY (THOMAS) — *Logic, deductive and Inductive*. 10 s. n.  
 HAU (C. Y.) — *The Philosophy of Confucius*. 1 s. 6 d. n.

### O LIVRO DUM PACIFISTA

Por gentileza do seu autor, Mr. H. J. Paintin, fol-nos o recebido o volumoso livro *The League of Nations at the bar of public opinion and the Federation of Man*. As suas 300 paginas fazem a historia e a análise das origens da ultima grande guerra em particular e, em geral, do tenemmo guerreiro, desde que o mundo é mundo. Apóstolo da paz universal, em cujo advento cre, o publicista espera que a fundação da Sociedade das Nações venha servir de esteio ao bello ideal que lhe illumina o espirito. Um dos pontos mais justos deste volumoso trabalho, bem digno, pelas suas intenções, de ser divulgada, é o captulo em que o autor se revolta contra o militarismo guerreiro criado nas mentes infantis pelos compendios escolares, que, em seu entender, devem ser expurgados de toda a materia que excite as rivalidades entre os povos. Os problemas do desarmamento e da limitação dos exercitos, assim como outros que com elles se preceem, são tratados com clareza e conhecimento de causa nesta obra, que Mr. Paintin terminou no dia do 72.º aniversário natalicio. Sonho, o que o livro prega? Tudo o que é hoje realidade, foi primeiramente sonho, vago sonho apenas, no cérebro dos homens que, como sr. Paintin, consumiram seus dias na aspiração dum futuro melhor para a humanidade...

### «LA GACETA LITERARIA» E OUTRAS PUBLICAÇÕES

Recebemos o n.º 1 de «La Gaceta Literaria ibérica, americana, internacional», que, quizenalmente, se propoe ser em Espanha o que *Les nouvelles Littéraires* são, semanalmente, em França: um divulgador do movimento literario não só da sua pátria como de todo o mundo. Editado em Madrid e dirigido pelo escritor illustre que é D. E. Giménez Caballero, o novo periodico apresenta-se excellentemente colaborado, oferecendo muita leitura informativa e critica. O seu comité de redacção congrega nomes dos mais festejados da literatura espanhola. No artigo de fundo deste n.º, que é de explanação do programa de *La Gaceta*, o seu autor, D. Jose Ortega y Gasset, não omite o proposito de estabelecer uma estreita aproximação intellectual com os portugueses. Esta finalidae faz avultar a nossos olhos o merito da recém-linda publicação, cuja vida desejamos veja longa e sempre progressiva.

O n.º 2 de *Polignac Littéraire*, mensario que, redigido em francês, se publica em Varsóvia, applicou a maior parte do seu texto na comemoração dolorosa do primeiro aniversario do passamento de Stefan Zeromski e Wladyslaw Reymont, duas grandes figuras da literatura polaca.

Por intermédio da delegação da *Enit* em Lisboa, continuamos a receber com regularidade a revista, muito bem impressa e illustrada, *Le Jourisme en Italie*. Esta publicação vai lá no ano quinto da sua bella acção de propaganda a favor das paisagens e dos monumentos da terra italiana. A par de suggestivas descrições, que nos despertam o desejo de fazer malhas e abalar para essas encantadoras paragens, encontramos sempre no texto dos fasciculos desta revista preciosas instrucções de ordem pratica sobre as viagens recomençadas por ella.

Oxalá em Portugal se tomasse este caso da *Enit* como modelo! Deixaria então o turismo de ser entre nós apenas uma débil figura de retorica, para ser uma forte e fecunda realidade.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

## ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS .. .. .	Escudos 22\$00	Escudos 44\$00	Escudos 88\$00
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL .. .	» 25\$00	» 50\$00	» 100\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR .. .	» 27\$00	» 54\$00	» 108\$00
ESPAÑHA .. .	» 24\$00	» 48\$00	» 96\$00
ESTRANGEIRO .. .	» 32\$00	» 64\$00	» 128\$00

Leiam todos



O

MAGAZINE  
**BERTRAND**  
LEITURA PARA TODOS

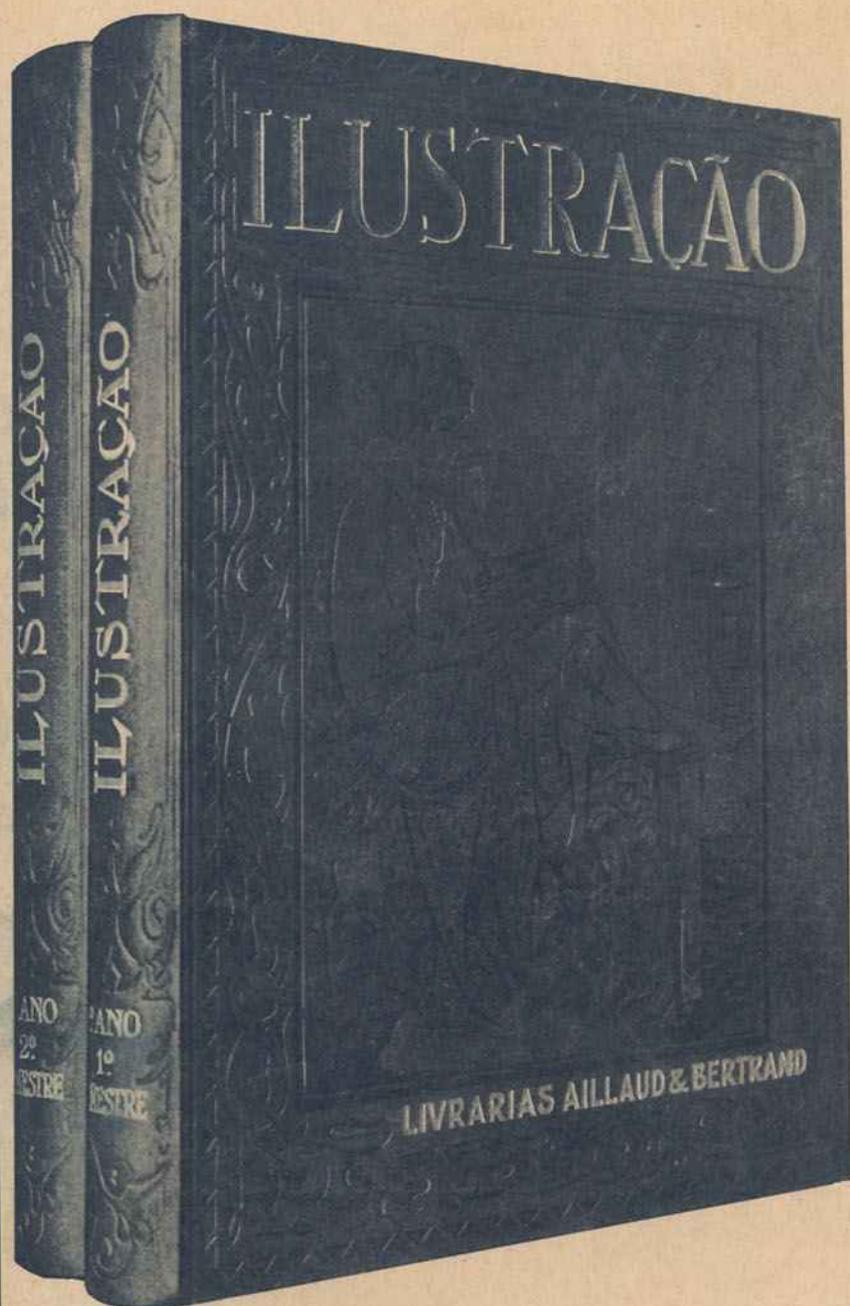
Unico  
no seu género  
em Portugal

Acaba de publicar-se

O 2.<sup>o</sup> Número

# Capas para Encadernação

DA



1.º ANO

2 VOLUMES

1.º e 2.º Semestres

Cada volume  
encadernado

ESC. 28,500

Capa em percalina  
com ferros especiais  
para cada volume

ESC. 12,500

Capa  
e encadernação  
(cada volume)

ESC. 20,500

• • •

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS

AILLAUD

E BERTRAND

73, Rua Garrell, 75

LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar os 2 volumes, devem remeter à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa, os números 1 a 12 para o 1.º volume, e os números 13 a 24 para o 2.º volume.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura.